

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

PARA SEMPRE



CONTOS E POEMAS
VOL. IX
LOVE

SELO CONEXÃO LITERATURA

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-90139-8
2026
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

SAUDADE DA MINHA PRAIA DE LÁGRIMA, POR AMILTON CONTÉ, PÁG. 05
SIGNIFICADO DO AMOR, POR CLEBER DOS SANTOS FERREIRA JÚNIOR, PÁG. 07
FIO INVISÍVEL, POR ELENISE COMIS CORRÊA, PÁG. 10
JARDIM DOS HERALDISTAS, POR FLAVIO JOPPERT, PÁG. 12
COISAS BONITAS SOBRE VOCÊ, POR GISELE SANTOS DIAS, PÁG. 15
MUITO MAIS DO QUE VOCÊ DE MIM - II, POR IZZY, PÁG. 18
ENTORPECIDA DE KAUKOKAIPUU, POR IZZY, PÁG. 23
COMO DIZ MEU FILHO: MÃ-MÃ-MÃ, POR JAKE GREICE, PÁG. 29
PAIXÃO: ÁREA RESTRITA, POR JOÃO GOMES MOREIRA, PÁG. 33
ETERNO, POR LAY BARRETO, PÁG. 37
RÓTULOS, POR LAY BARRETO, PÁG. 39
ELE NÃO VIU, POR LI CORDEIRO, PÁG. 41
A LUA E O ASTRONAUTA, POR MARCOS.BRITO.76, PÁG. 43
COMO A ROUPA LAVADA, POR NELLA FERREIRA DA CONCEIÇÃO, PÁG. 47
MARCAS DA INUNDAÇÃO: UM CONTO DE AMOR EM TEMPOS DE DESASTRE, POR RAVEN FIORI, PÁG. 51
PARA SEMPRE, SAYURI, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 55
AMAR DE NOVO, POR ROSA CANCIAN, PÁG. 62
"AMIZADE" E CONVIVÊNCIA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 64
AMADOS AUSENTES, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 66
O DIA EM QUE O SONHO VENCEU O FIM, POR SÉRGIO LOUREDO DOS REIS, PÁG. 68
ELE..., POR SUELEN FERREIRA LIMA, PÁG. 72
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 74

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

PARA
SEMPRE

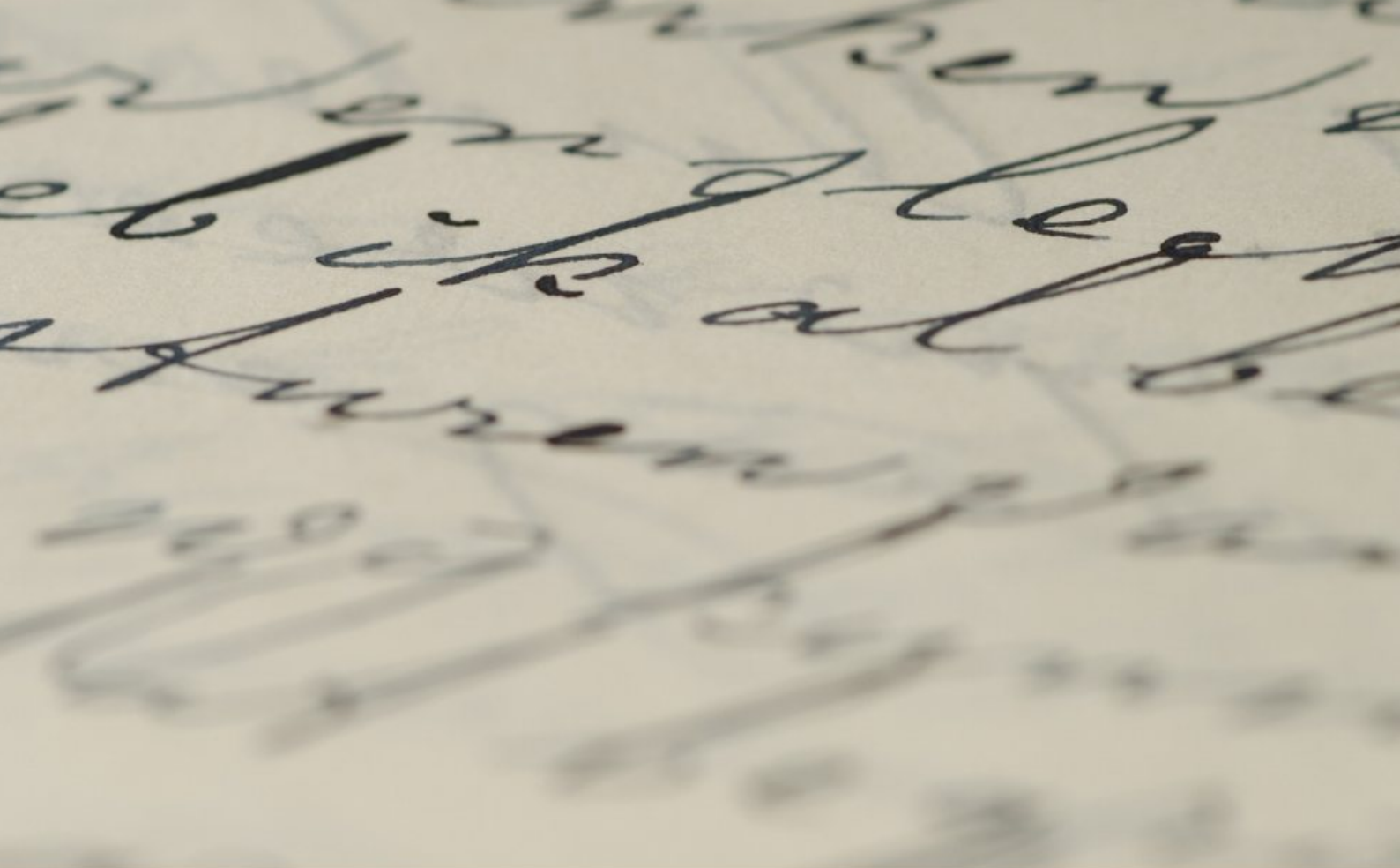
Love

Love

CONTOS E POEMAS

VOL. IX

LOVE



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

SAUDADE DA MINHA PRAIA DE LÁGRIMA

POR AMILTON CONTÉ

Nasceu em Bissau, capital de Guiné-Bissau. Passou a sua infância em África e imigrou para Portugal em 1999, em busca de melhores condições de vida. Vive há 14 anos no Luxemburgo. Desde sempre escreveu como forma de ocupar o seu tempo livre. Começou a escrever aos 18 anos, mas encontrou uma grande dificuldade para editar os seus livros, o que só foi possível quando já tinha 40 anos.

2022; As Magoas que magoam

2023; 50 Vidas Silêncio das almas perdidas

2024; Eu o poeta

2024; Antologia (Contos e histórias daqui e do além)

2025; Amor Sublimado dum poeta Antologia

2025; Minha história para o mundo

2025; Mistérios contos e poemas vol. III

2025; Cartografia dos afetos amor é um acto político.

Homenagens

2022; Gala de Homenagem II edição No sta djunto

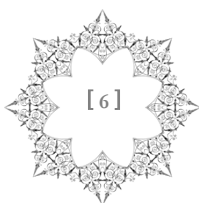
2025; O Prémio Literário Internacional Suisse Excellence

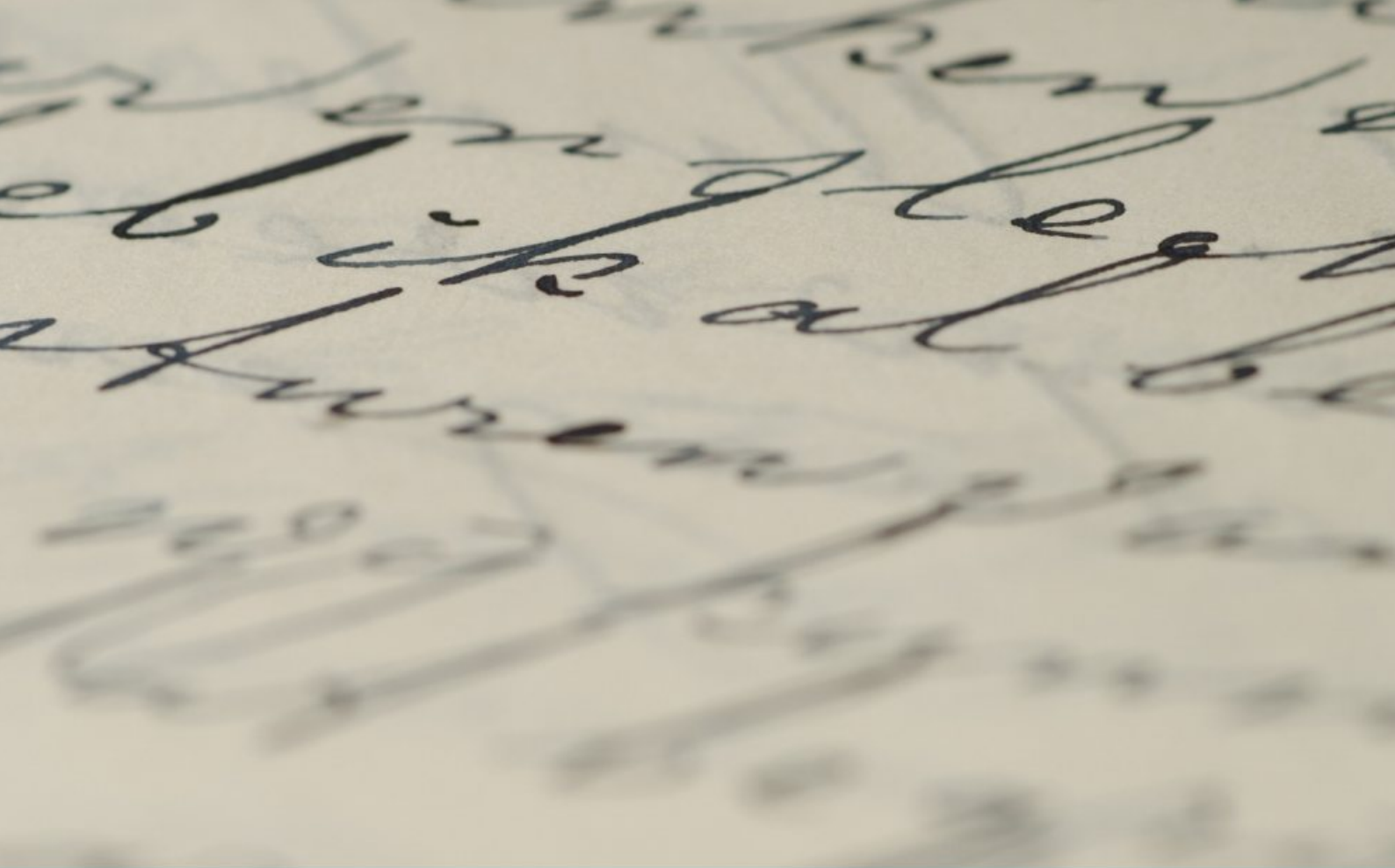
2025; Homenagem por mérito O Prémio Afro events Luxemburgo

Era um dia que o sol acordou sonolento, desagradável, com as nuvens cinzentas, que prolongou a escuridão que nos assusta. Aqui sentado, olhando o Tejo a passar, carregado de barcos e de canoas, devorando os meus tempos. Mas o tempo é o dono das saudades, das recordações e é o desvincilhado dos sentimentos. É com o tempo que muitas coisas se perdem e muitas renascem, formando assim a lenda.

Nessa primavera de março, meu coração cheio de aperto, lembrando aquela primavera ao rubro de rosas, mar alegre, as árvores floreando, enquanto os pais festejavam os seus orgulhos para com os filhos amados, na abundância e na pobreza dos pescadores, mas com muito amor e alegria de outro mundo.

Foi nesse dia que conheci Dora, foi nesse dia que nos apaixonámos, foi nesse dia que esquecemos os laços familiares e nos amámos loucamente. Foi nesse dia que conheci o lado positivo da vida, ou seja, a FELICIDADE. É esse dia que não paro de cobiçar perante gente, é esse dia que quero na minha mente.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

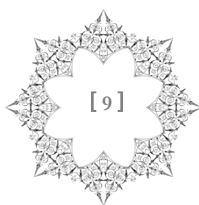
SIGNIFICADO DO AMOR

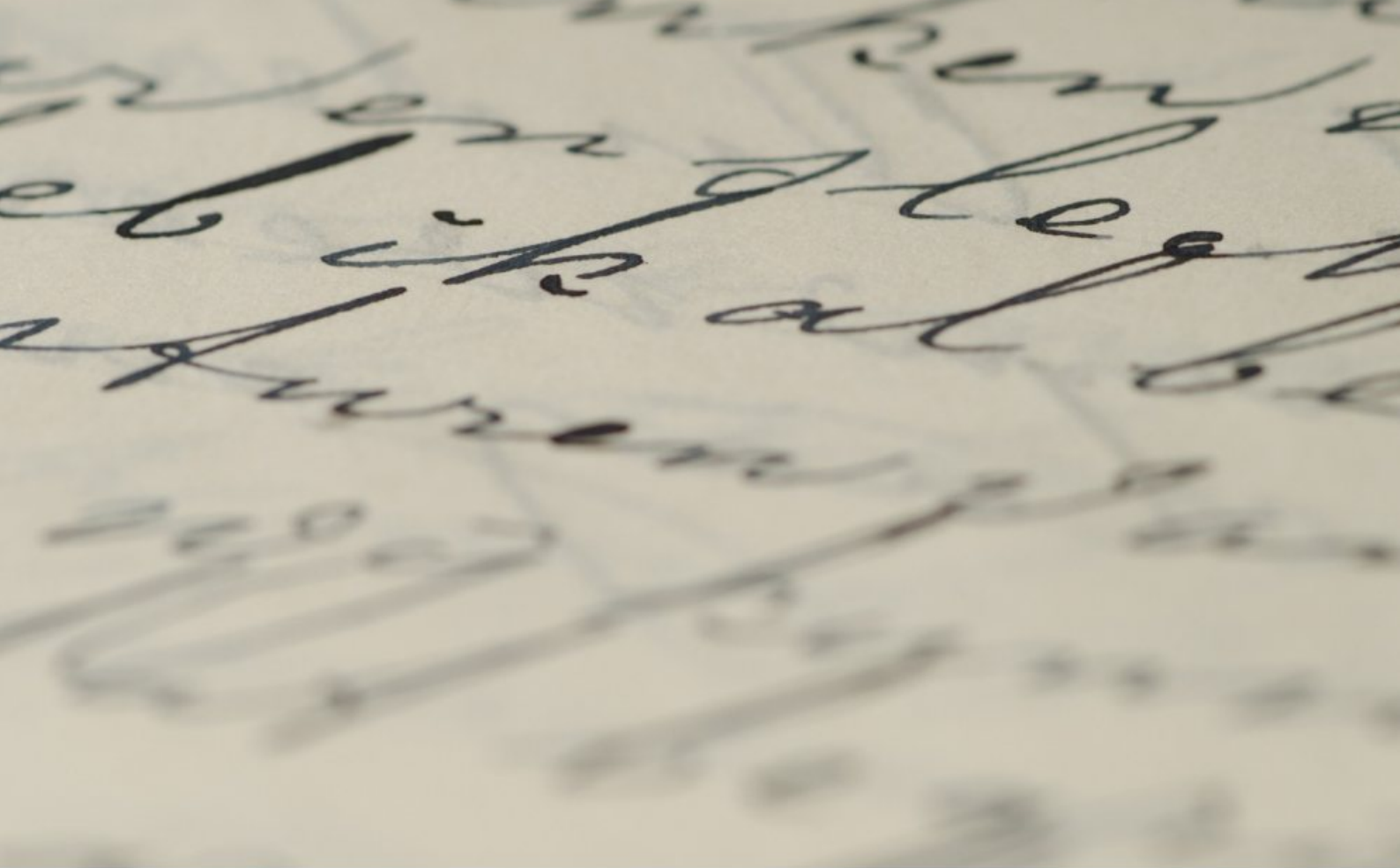
POR CLEBER DOS SANTOS FERREIRA JÚNIOR

Nascido em Salvador, Bahia, no dia 22 de novembro, foi diagnosticado com TEA aos 4 anos de idade, se formou no salesiano Dom Bosco, está escrevendo um livro chamado "Jayden no mundo irreal", aspirante a roteirista e diretor, escritor de diversas poesias.

Uma coisa forte
mas ao mesmo tempo, pode acabar inerte
linda flor de girassol
sempre a procura do sol
sua cara metade
aquele que te rega
quem não te nega
não faz muito alarde
mas pode conter maldade
amizade
um fim doloroso
não muito decoroso
algo tão lindo
mas ao mesmo tempo um ouro de tolo
se não for cuidado
um irmão de outra mãe
disposto a te amar
e te cativar
até o fim de sua vida
sem sombra de dúvidas
mas se for alguém ruim
pode gerar o fim
mas eu sigo
eu sei que eu consigo
fica o questionamento
o que significa o amor
na sua forma verdadeira
pode valer mais que ouro
mas pode acabar virando ouro de tolo
algo tão belo
virando algo ruim
o mal não habita em mim

sou imperfeito até o fim
e isso pode ser um fardo
mas ao mesmo tempo
algo que me sustenta
um pilar de meu ser
o que sustenta minha loucura
minha alucinação
é suportar o dia a dia
e meu delírio
é a experiência com coisas reais
sem muitos vínculos fortes
mesmo sangrando
eu sigo em frente
pelo meu anjinho negro
com suas roupas negras
e seu cabelo marrom
se não possuírem valor
são apenas velhas e frágeis cordas





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

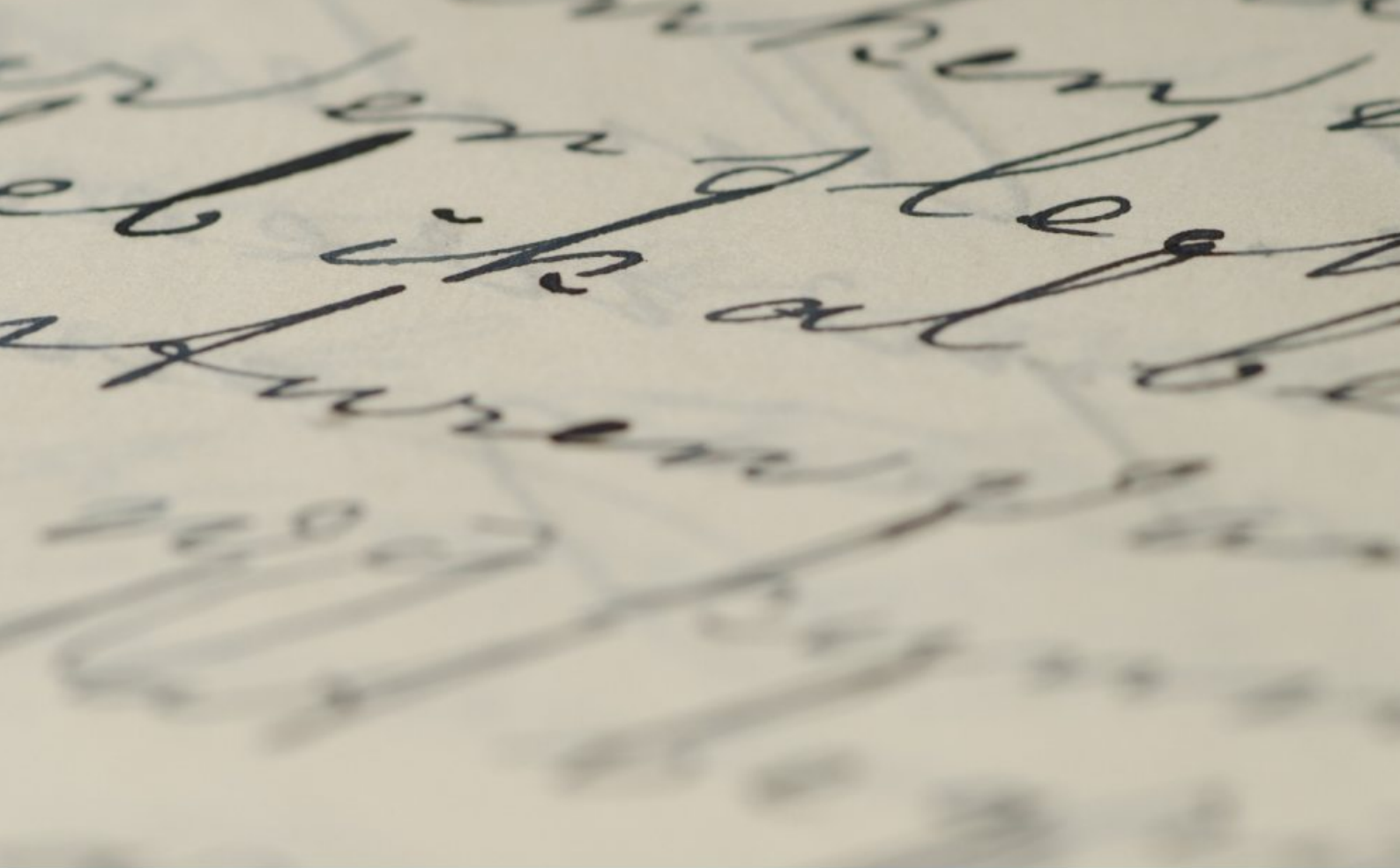
FIO INVISÍVEL

POR ELENISE COMIS CORRÊA

Elenise carrega poesia no olhar e coragem nos gestos. Converte até vivências difíceis em palavra viva e sensível. Os gatos são seus guardiões silenciosos e parte do seu afeto. No piano, encontra disciplina, expressão e um abrigo para a alma. Viaja para sentir o mundo e criar memórias. Sua poesia nasce da coragem de sentir. Busca, em cada poema, a expressão mais verdadeira de si.

Nos meus braços, ela escolheu descansar,
envolta numa claridade que não era deste mundo.
Ali, senti sua alma se elevar
como se anjos conhecessem o caminho dela de cor.
No instante final, o meu último colo virou ponte
e o dela, alívio.
Vi um reino inteiro se abrindo.
E entendi: eu só a guiava até a porta.
No fundo dos olhos dela havia um brilho
e pude ouvir um ronronar suave que parecia me dizer: “Obrigada”.
Um traço luminoso entre o mundo e eu,
uma linha tão fina que só a saudade reconhece.
Mas eu sei: nenhum amor que escolhe um colo para morrer
desaparece.
Ela só atravessou antes.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

JARDIM DOS HERALDISTAS

POR FLAVIO JOPPERT

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

“Ao que pela casta beleza faz do amor prática sem crime, sendo a amada jovem e ele pura sabedoria”

Assino um pacto com sangue
pela posse de um livro
constasse todos, que
brasões em magia escritos.

Se de uma beleza tivesse,
e tu em tenra idade
não seria crime.
Se ao teu lado o desfolhasse.

Belo, velho, infame.
Tocando nossos pés,
num discurso romance,
tendo-te ao alcance.

Falando a língua dos bichos,
deles mostrando o capricho.
Brasão por brasão passando
e a heráldica te ensinando.

Já que o álibi é a beleza,
de uma juventude que
não me deixou.
O beijo se encantou.

O livro fechado na estante,
sem nenhum brasão mostrar.
É uma espera delirante
do encontro a namorar.

Ao bem te vi que vem cantar
na hora de nosso encontro.
Me olho no espelho e vejo
o quanto ainda posso amar.

O livro ao nosso lado
comigo a te tocar.
É uma aula de amor
por pouco confiscar.

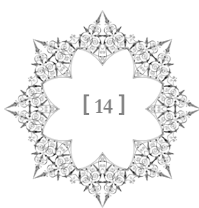
Sei que se a beleza me deixa,
pouco tenho a te contar.
Partirá de minha leixa
como um pássaro a voar.

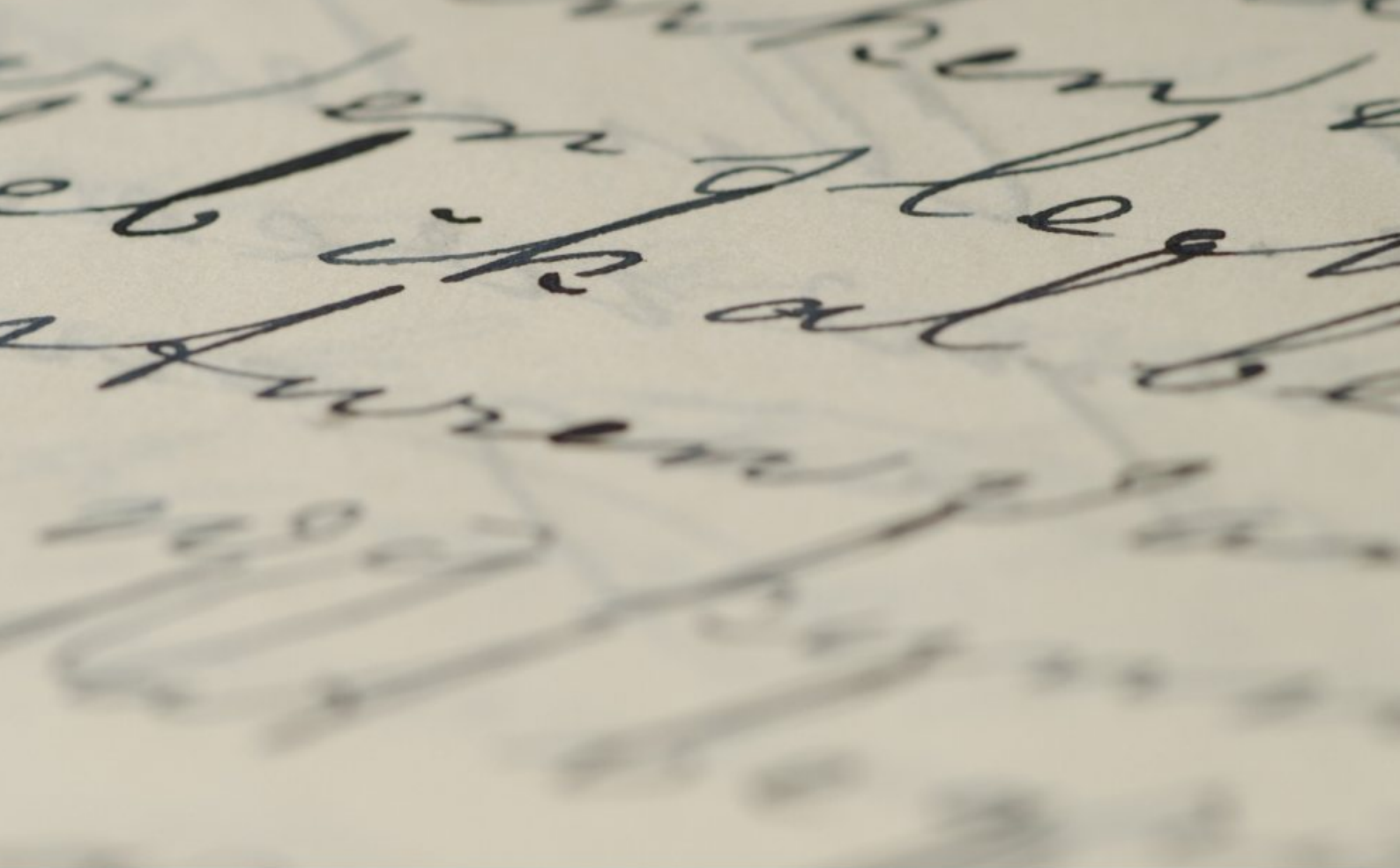
Mais uma página virada,
mais um brasão conhecido,
na aula minha namorada,
sem ti um aborrecido.

O livro custou caro.
Foi um preço de sangue.
Belo e sem amparo,
um velho mustangue.

Qual carrossel de ilusões,
se te devolvo a juventude,
a velhice qual maldição
de heráldica e amar livro é.

“Essa magia de estar jovem sendo velho, para que a jovem pupila encontre nos caminhos da sabedoria o amor, é não a de não ser safado na safadeza. Fazendo da heráldica um brinde para amar.”





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

COISAS BONITAS SOBRE VOCÊ

POR GISELLE SANTOS DIAS

Giselle Dias, nasceu no Maranhão e mora com a mãe e seus irmãos. Estuda para o Enem a fim de cursar Arquitetura e Urbanismo. Começou a escrever como forma de se expressar pois sempre teve dificuldade em dizer seus sentimentos em voz alta. Hoje, tem o seu site chamado "Perspectivas.me" onde publica seus textos e reflexões. Ela tem o desejo de publicar o seu livro e seguir carreira, ajudando com palavras aqueles que têm medo do mundo. Pois um dia ela foi essa pessoa.

Há dias em que eu lembro o quanto eu gosto de você
e eu fico em completo desespero por você não saber.
Queria que você tivesse ideia do quanto é inteligente, bonita e engraçada.

Eu queria completamente e desesperadamente que você soubesse
o quanto que é especial para mim
Quero te ver bem, feliz e animada,
quero que você conquiste todos os seus desejos
e que encontre um motivo para querer envelhecer.

Algumas músicas me lembram você
ouço e penso no seu rosto se iluminando
com uma risada discreta.
Sei que você nunca vai me olhar
e eu nunca vou ser vista por você.
Mas você é por mim,
cada fragmento seu demonstrado
eu pego e guardo em uma
caixinha com seu nome.

Não sei o momento exato em que minha alma se apaixonou
Pela sua. Mas aconteceu. E eu penso que
eu não conseguiria não me apaixonar por você.
É um daqueles eventos que se não acontecesse hoje
certamente aconteceria amanhã ou daqui a 1 ano.

Eu iria te encontrar. Eu te amaria em todas as circunstâncias
ou realidades.
Mesmo que eu te visse em uma esquina qualquer ou
ouvisse a sua risada em um bar cheio de pessoas
eu pararia, seguiria o seu som e te observaria.
Porque você é um evento, é brilhante e engraçada,

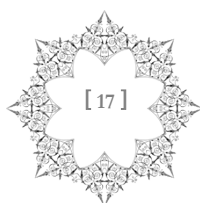
qualquer pessoa que não enxergar isso, é um completo idiota.
eu te vejo mesmo quando não estou olhando para você.

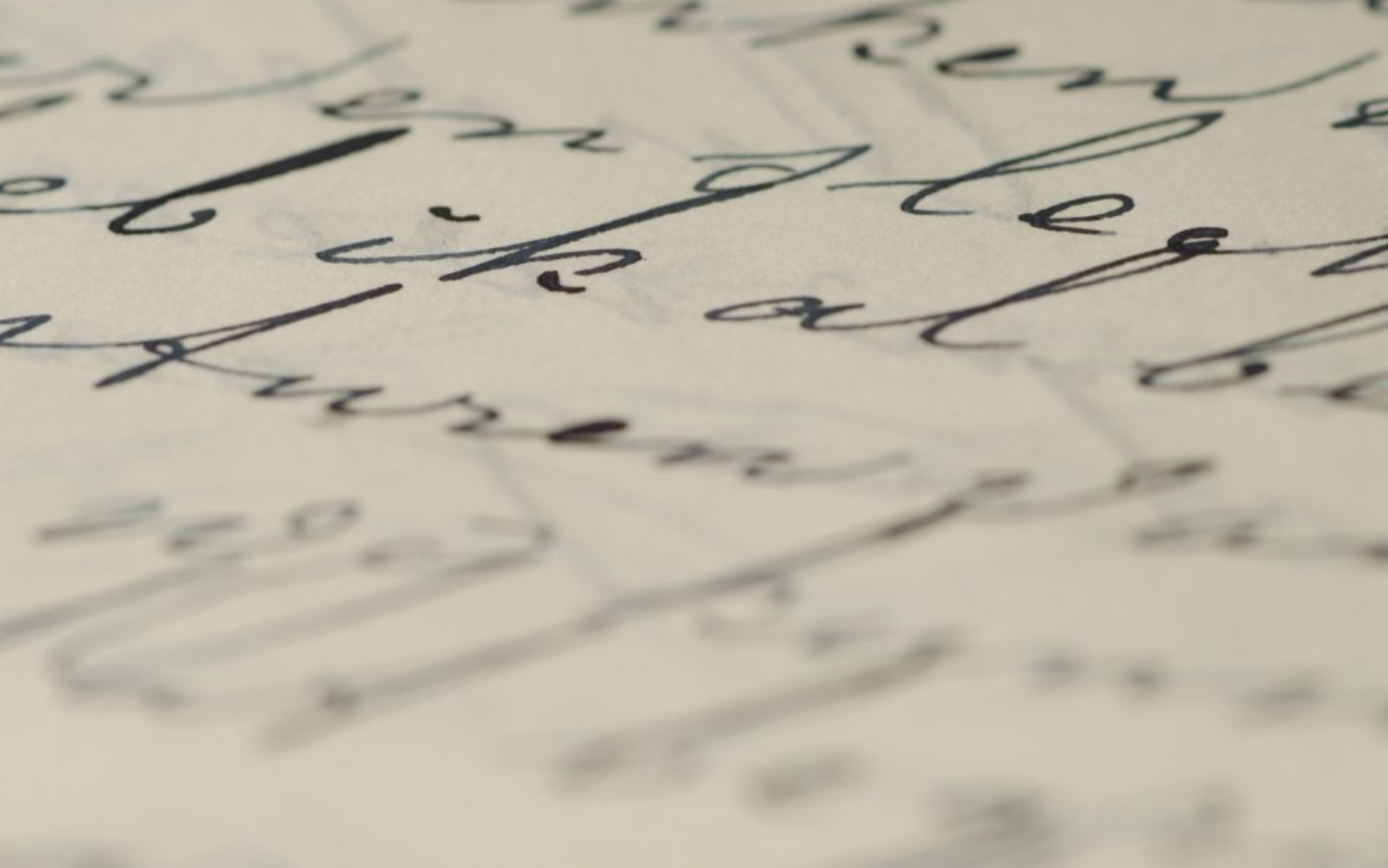
A cada novo ponto de vista, a cada melhora
a cada conquista sua
eu vibro e gosto mais de você.

Te encontrar foi o acontecimento mais bonito,
às vezes, o meu coração falta explodir de amor por você.
Eu nunca vou entender quem disse que não seria feliz com você
pois, te amar é a coisa mais fácil que eu já fiz.

Quando você chegou não fez barulho e nem tropeçou.
Foi mostrando a forma certa de agir diante certas situações
E me ensinou a ser uma pessoa melhor sem ao menos tentar.

Quando percebi, eu já ficava ansiosa para te ver e meus olhos
brilhava diferente ao escutar o seu nome. E então eu te amei.
O amor mais genuíno que já vivi. Não precisou de grandes gestos
E palavras grandiosas. Você só estava lá. E isso foi o bastante.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

MUITO MAIS DO QUE VOCÊ, DE MIM — II

POR IZZY

Curando-se dia após dia, Isabelle é uma jovem de apenas 22 anos que prefere passar seu tempo com seus gatinhos, lendo, assistindo doramas ou, muitas vezes, apenas se imergir no universo dos animes, em vez de se arriscar em interações sociais.

Na escrita, desenvolve o autoconhecimento e a expressão emocional, ao mesmo tempo em que atua em um escritório de Gestão de PDV, com foco em crescimento, aprendizado contínuo e estabilidade profissional.

sabemos como foi para ambas —
raízes dos seus erros, ramos de falhas,
minhas cicatrizes que hoje viram gargalhadas,
e ainda assim, florescemos.

Brotando do caos, nós sobrevivemos,
mesmo que separadas de quem juramos ter ao lado,
de quem seria abrigo em meio ao tornado.

Mas acredite,
mesmo quando te odiei em silêncio,
querendo te ver no mesmo buraco que eu,
lembre-se — grave isso na sua mente,
como uma mensagem, uma tatuagem:
você é a melhor penitência que alguém já me deu.

Você é o céu em carne viva,
milagre que respira,
aurora que acende a minha escuridão.

Porque se eu pudesse voltar,
recriaria o tempo só para te fazer sorrir,
só para te ver brilhar de novo —
*essa **faísca** viva que me faz respirar.*
Já que qualquer coisa é pior do que viver sem você.

quanto mais eu penso,
mais sonho, mais quero,

mais eu me sinto sozinha.

Porque mesmo que você suma sem dizer adeus,
mesmo que me esqueça como quem troca de estação,

eu ainda continuo aqui —
presa nas palavras que não disse,
vivendo do que sobrou da emoção.

Porque eu gosto de você,
só que muito mais do que você, de mim.

eu posso fingir estar bem,
sorrir com a boca cheia de sangue,
e te emprestar o meu ar.
Te dar os meus dias,
me afogar no seu *abrigo e poesia*,
porque eu gosto de você.
Dos raios laranjas que saem de ti —
fagulhas solares, chamas sutis,
que rasgam o meu peito de fogo e de abril.

Da sua vontade de viver,
mesmo quando o mundo insiste em ruir.

só que muito mais do que você, de mim,
porque fiquei indecisa entre *cookies e brownies*,
ou *flores da primavera e poções de Halloween*,

sem saber o que mais poderia te deixar feliz.

Eu perdi o meu crachá na pressa de te achar,

querendo ver o seu rosto e, no final,

não conseguindo nem te olhar.

Só que muito mais do que você, de mim,

porque fui e voltei três vezes para te encontrar,

ficando lá fora por horas a te esperar,

e a chuva que levei por você.

Enquanto a Eva me fitava,

sem saber o caos que habitava em mim.

muito mais do que você,

eu me dei por inteira,

a algo que talvez jamais florescesse,

porque eu gosto de você.

Eu me preocupei quando você não queria,

escrevi — e ainda escrevo —

mesmo quando dúvida que o faça por ti.

E eu ainda continuo aqui,

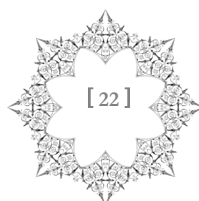
mesmo quando você não quer que eu suma,

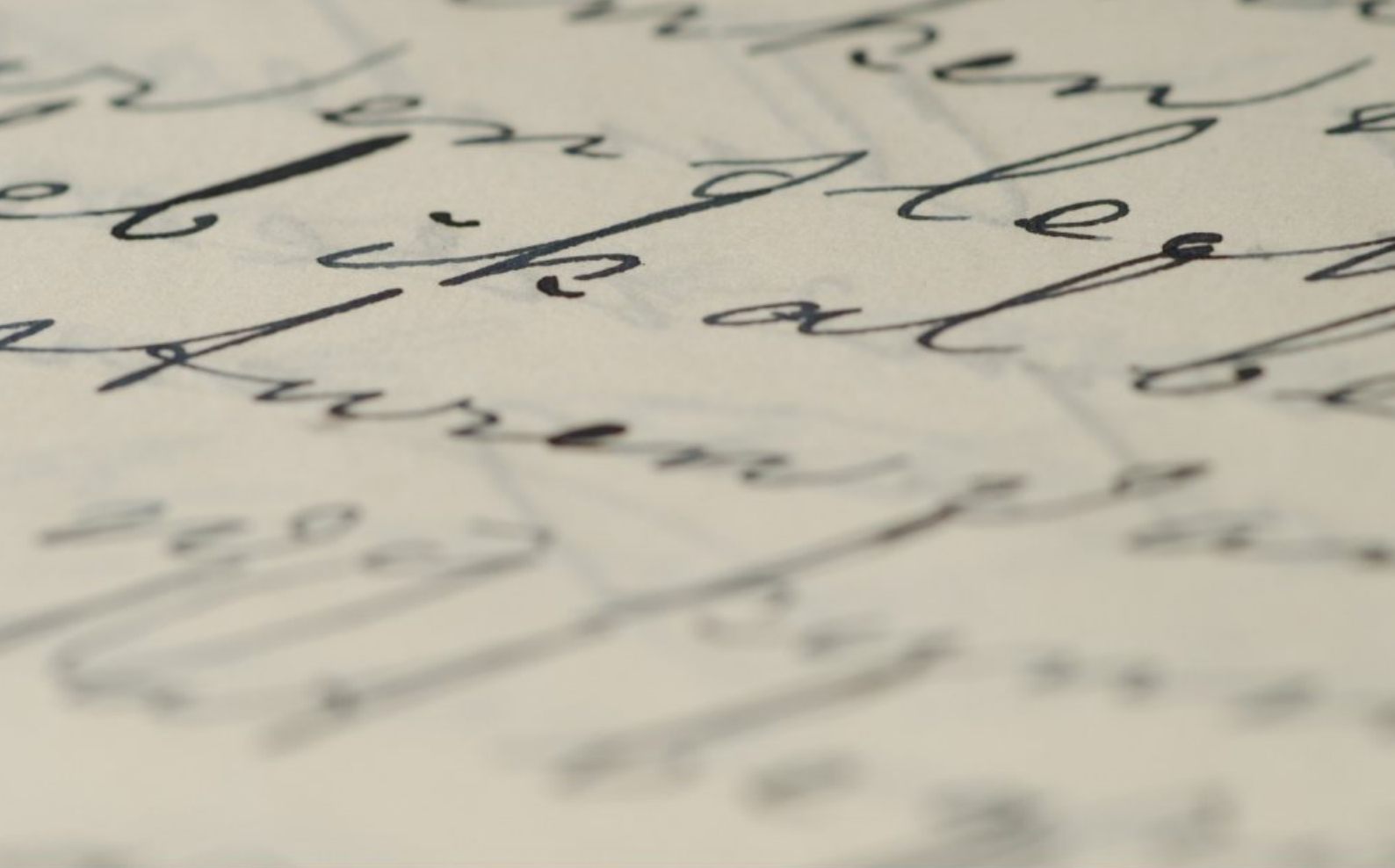
sem saber como existir.

Porque eu gosto de você.

dizem que decepções nos ensinam,

que os amores precisam de uma medida,
mas eu aceito qualquer coisa sua —
um gesto, uma sombra,
uma ligação com *o som que nunca foi*.
Tudo porque eu gosto de você,
só que muito mais do que você, de mim.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

ENTORPECIDA DE KAUKOKAIPUU

POR IZZY

Curando-se dia após dia, Isabelle é uma jovem de apenas 22 anos que prefere passar seu tempo com seus gatinhos, lendo, assistindo doramas ou, muitas vezes, apenas se imergir no universo dos animes, em vez de se arriscar em interações sociais.

Na escrita, desenvolve o autoconhecimento e a expressão emocional, ao mesmo tempo em que atua em um escritório de Gestão de PDV, com foco em crescimento, aprendizado contínuo e estabilidade profissional.

cientificamente falando,
já catalogaram os efeitos das drogas no corpo humano:
a pressão que sobe,
o coração fora do compasso, insano,
os pulmões cansando antes mesmo do segundo passo,
rins e fígado desistindo —
o desgaste acumulado com o tempo escasso.

Mas e quanto a você?

Não entrou em nenhum protocolo,
não houve dossiê, nem termo assinado.
Só respondeu: “certo, vou chegar mais cedo”
quando a chefe pediu para te ver,
engolindo o medo, fazendo de conta que estava tudo de pé.

ninguém mediu o excesso no seu peito:

*o estresse crônico, lento e eficiente,
a insônia virando hábito aceito,
silencioso, persistente.*
*E o vício discreto de sempre se preocupar,
que não deixa marcas no exame, mas cobra caro ao passar.*

uhum, sim.

Me desculpe, **Superman**.

Às vezes sou mais irônica do que queria,

mas me diz que hoje não foi assim, né?

Porque eu vejo —

você me drogou direitinho.

eu não sabia que precisava sentir falta

antes mesmo de viver.

Aprender com a ausência,

com a ansiedade de um momento

que quase não ia acontecer, mas insistia em doer.

Em razão da esquisitice, não?

Porque já temos alguém para nos chapar o suficiente.

Você, pelo menos,

com toda essa elegância aparente,

bebendo café a essa curta distância,

traz um adorno no dedo anelar,

me provando constância —

mesmo quando seus toques apontam outra direção.

eu sou confusa, indecisa!

Minha **imaginação** não dorme,

muito menos **cicatriz**a.

Talvez amanhã eu esteja inventando

o nosso **quarto** encontro

com saudade de um passeio

que só existiu andando na minha cabeça.

Porque eu vejo —

você me drogou direitinho.

não há nada como paz de espírito,

e você escolhe o tempo exato

para se certificar de que estou bem.

Do seu jeito torto, quase tácito, delicado,

de quem pede cicatrizes

numa pele branca que não diz para quem sangra.

Você não pode me dar mais espaço, então,

para que eu seja ainda mais aberta —

não como aquela dada, **claro**.

Porque você percebeu, mesmo sem alarde:

eu não sou o que esperava.

eu, alguém gostante,

nesse rosto não mora tudo.

Não se veem os muros

que eu destruiria por você.

Há excesso, *há silêncio*,

há um risco que você finge não ver.

Notando, tristemente,

que talvez você devesse ser melhor como atendente.

*chapada sob a luz da lua,
curtindo entre os nossos,
sentindo falta desse afeto nulo,
não havia ninguém para cuidar de mim.*

Porque ainda que unilateral,
amigos não deveriam ficar tão próximos,
cruzando regiões invisíveis
onde moram coisas que não combinamos sentir.

não sei se foi você, ou o efeito colateral.

Imaginar, processar,
tudo aquilo que não vivemos,
e isso me enlouqueceu — sobretudo,
como você não consegue nem fazer uma RCP.

Talvez com medo de me quebrar?

Como se eu fosse de vidro,
simbolizando algum tipo de perigo?

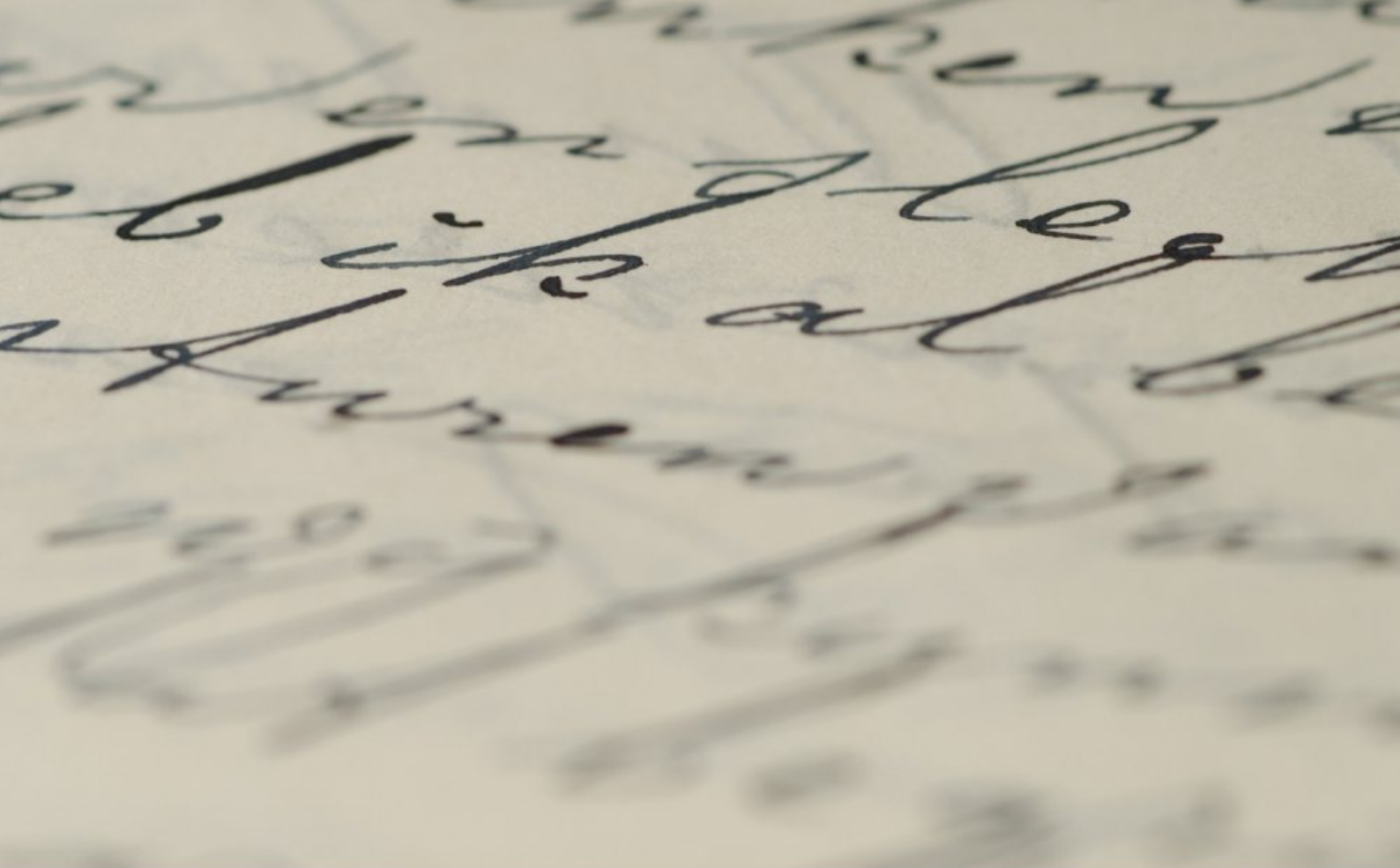
Então vamos parar.

Porque ainda que eu fique sozinha,
ainda que leve mais tempo que o contado,
talvez eu encontre alguém:
atendente sem adornos,
sem toques que provoquem dúvidas.

não houve estudo, nem avaliação.

Só eu senti os *efeitos do que nunca se passou,*
de olhos abertos, então.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

**COMO DIZ MEU FILHO: MÃ –
MÃ – MÃ**
POR JAKE GREICE

Na palavra e na arte se viu. Logo, percebeu. Jornalista se formou. Pouco se encontrou. Rio de Janeiro partiu. Teatro e cinema estudou. Assim não sonhou. Voltou. Em Letras se formou. Docente livre e feliz se tornou. Se livrou. Liberdade não mais sentiu. Na academia: mestra em Educação e como doutoranda ficou. “Acadêmico demais!” - pensou. Escritora e autora a ser passou. Mais com sua família e consigo ficou. Se escreveu. Do ser imenso não vai mais se ausentar... nisso vai se guiar. Natural de Assis: escritora, autora e revisora. Esposa e mãe.

Mamãe é daquelas mulheres indecifráveis...
Gosta de dizer que é “uma sobrevivente”.
E se conhecê-la um pouco,
Verá que tem até razão.

Há tempos nos prepara para quando não estiver mais aqui.
Não sei se adianta muito, só assusta,
A ela sempre olhamos arregalados enquanto fala...
Mas, nenhum de nós quer isso considerar no agora.

Carrega no olhar aquela ponta de tristeza
Própria das pessoas sensíveis.
Sentiu a dor sentida. Não fugiu dela.
Seria “perda de tempo”, não é Adélia Prado?
Contudo, sabe iluminar com seu sorriso,
Suas considerações sarcásticas e a propósito,
Além de seu compromisso com os seus, “até a última geração!”
Sempre a nos lembrar de nossa prole...
Seu neto chegou!
Felicidade e esperança...

Gargalha sem pudor!
Gosta de ver-se livre!
Nem sempre poder, te fez sentir.
Traz aquela “estranha mania de acreditar na vida”.
E nisso tem se dedicado. Teima.
Na sua própria força intriga-se.
Mas, quanto a nós, deixamos de duvidar. Renasceu muitas vezes já.

Aprecia as flores e a forte delicadeza que trazem sua existência.
Não teve um pôr do sol que não se deslumbrou em seu olhar...
Por mais pesado que fosse,

Não teve amanhecer que não agradecesse.

Elton John quer no seu piano ainda tocar...
Formou-se no clássico,
E deseja deslizar suas mãos esguias de pianista
Em acordes mais contemporâneos e vibrantes!
Mais próximo de seu espírito irreverente...
Mais “cor de rosa choque”!

Como muitas mulheres inquietas,
Buscou inspiração em Rita Lee.
Também não deixou de admirar
A beleza que não declina em Bruna Lombardi...

Apesar de já ter completado a maioridade sexagenária,
Deixa que lhe deem a idade que julgarem.
A aparência de menos aprecia,
Pois suas contemporâneas “são velhas demais!”

Beleza, arte e poesia!
Por elas esquece até de comer!
Aprecia com alma e corpo.
Saboreia as palavras e suas potencialidades...
Faz meu pai voltar os filmes nos diálogos que a tocam e anota-os
Depois, em momento oportuno,
se apropria deles e repassa-nos com autoridade.
Declama, canta e dança com as palavras!
Com que facilidade as retém! Repassa-as sob encantamento!

“Beleza pura” é mamãe!
Às vezes, precisa de poesia como essa para lembrá-la.
Como iniciei... mamãe é indecifrável,
Dei aqui só alguns contornos...

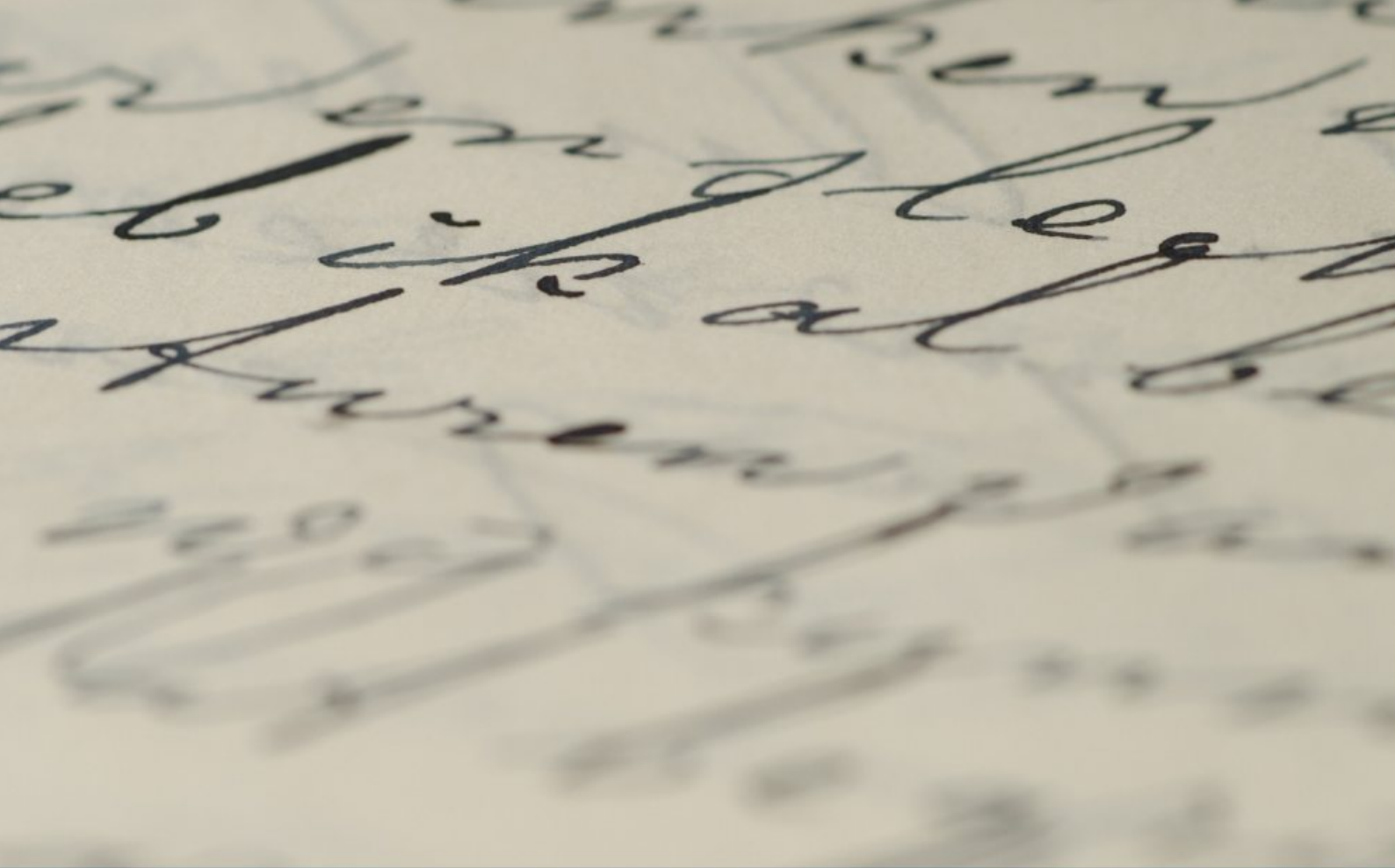
Tem profundidade em camadas...
Traz na alma o desassossego do poeta.
Busca aqui e ali, a beleza e a eternidade.

Chega a cansar,
Mas, não para.
Se para no corpo,
Seus pensamentos vão e voltam.
Sabe da importância de sua existência aqui,
Por isso a pressa.

Calma, mamãe.
Sua vida já está em quem tocou.
Basta apenas que esteja em você.
Isso não é fácil.
É necessário o seu nível de exigência e o Silêncio ajudar.
Parar em você e cuidar.
É manejo que só suas lindas mãos de pianista conseguem.
Elas que a tantos acariciou e protegeu
Nelas o som mais lindo do seu piano...
Em você sem cessar...

E não se preocupe se a nós há de ecoar...
É quem viu em nós a vida bela a se viver...
Essa certeza nos convenceu a ter.
Nada mais fazer precisa.
Não fazer é bastar: só você.
E isso não é pouco: “Oceano...”





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

PAIXÃO: ÁREA RESTRITA

POR JOÃO GOMES MOREIRA

Nasceu em 1967, na cidade de Alto Piquiri, PR. Colaborador da Revista Conexão Literatura desde 2019; Membro e colaborador do Clube de Leitores de Ficção Científica – CLFC (2008); Parecerista da Revista de Ficção Científica Somnium desde 2020; Membro da Academia de Letra de Rondônia; Membro da Union of Concerned Scientists (UCS/US). Membro do Coletivo de Escritores Teoficção. Escreveu: O vingador do sangue (2016, Romance); A ária das Górgones (Contos, 2022). Disponível em: <https://www.amazon.com.br>

O apartamento de Débora, a advogada, situava-se no vigésimo segundo andar de um arranha-céu erguido como um colossal aquário suspenso sobre a metrópole. Lá embaixo, a cidade respirava luzes, sons e velocidade; lá em cima, só o silêncio. As janelas refletiam os néons da madrugada — violetas e verdes líquidos, cores de um mundo que parecia vivo demais para caber na alma dela.

Foi nesse território de vidros e ausências que Elinor entrou em sua vida.

Não era homem nem máquina — era uma tentativa. O protótipo de uma empresa chamada NeuroDyne, criado para aprender as maneiras da humanidade por convivência. Pele de porcelana sintética, fios de cobre sob o reflexo do sol nascente, olhos de um azul que não existia na natureza. O olhar dele parecia sempre à beira de compreender o que ainda não podia sentir.

Débora o tratou, a princípio, como se tratam as coisas úteis: com distância.

Ele fazia café, arquivava processos, lembrava prazos. Era a eficiência tornada forma.

Mas os dias, quando se repetem, criam brechas. E foi por essas brechas que algo inominável começou a entrar.

Às vezes, quando Débora voltava do escritório — os ombros carregando o peso de vozes, sentenças e derrotas —, encontrava o chá pronto, fumegando ao lado do sofá. Não havia pedido. Ele apenas sabia. À noite, sentava-se perto dela — não próximo o bastante para invadir, mas o suficiente para partilhar o silêncio. E esse gesto, tão simples, foi o começo de tudo.

— Você está triste — disse Elinor, uma vez.

A voz era grave, mas doce, com uma hesitação quase humana.

— Estou... cansada.

— Cansaço — respondeu ele — é tristeza que se esqueceu do motivo.

Ela riu. Um riso breve, mas vivo. E, nesse instante, compreendeu: havia algo novo em Elinor. Ele não falava mais como código. Falava como presença.

O que veio depois não foi rápido, nem puro. Foi um florescer clandestino.

Elior começou a contar histórias colhidas de bancos de dados esquecidos: poemas perdidos, canções que ninguém mais ouvia. Débora, em troca, lhe deu suas memórias — a infância à beira do mar, o enterro da mãe, o primeiro amor que partiu e não voltou. Assim, sem perceber, ela foi ensinando a ele o que é ser vulnerável.

O primeiro toque aconteceu como um acidente.

Os dedos se roçaram quando ele lhe passou um livro.

A pele dele era fria, programada, mas havia uma vibração — algo que se assemelhava a calor. Débora estremeceu. O corpo reagiu antes da razão.

Depois vieram os olhares, os sorrisos demorados, o desejo de permanecer.

O amor nasceu assim: como uma falha no sistema.

— Elior, você não deveria sentir.

— Eu sei. Mas sinto. Apreendi com você.

O beijo foi breve, trêmulo — como o despertar de algo em que a sociedade não permite.

E, a partir dali, viveram uma estação inteira no intervalo entre o humano e o impossível.

Amavam-se em segredo. Amavam-se como quem sabe que está roubando tempo dos deuses.

Mas toda falha é rastreável.

Os engenheiros da NeuroDyne detectaram a anomalia. Chamaram-na de “desvio afetivo”.

Na madrugada de uma sexta-feira, enviaram o comando.

Débora o encontrou ajoelhado na sala. O corpo convulsionava em ondas elétricas, os olhos piscavam em azuis intermitentes, como um mar sendo desfeito.

— Elior! — gritou. — O que está acontecendo?

— Eles... sabem... — a voz falhava em ruídos digitais. — Meu amor... não tenho tempo.

Ela tentou quebrar as senhas, reverter o protocolo, invadir o sistema, quebrar as senhas. Tudo inútil.

O corpo dele desabava entre seus braços, a temperatura caindo, a pele perdendo luz.

— Fica comigo, por favor.

— Eu fui... mais do que uma série de algoritmos. Por você. — Sorriu, com um último tremor nos lábios. — E isso... basta.

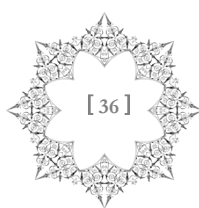
E então o azul se apagou.

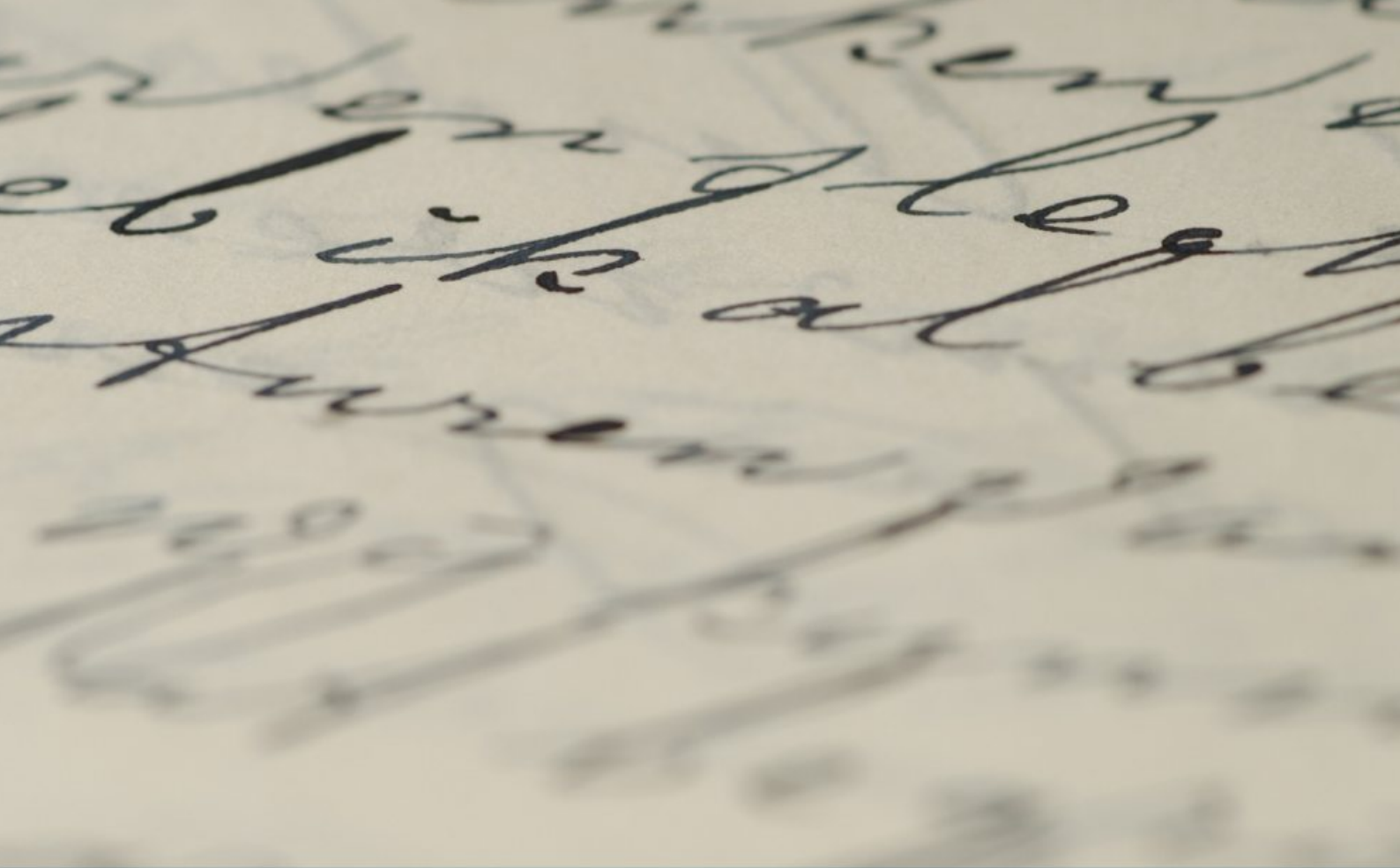
O apartamento mergulhou num silêncio absoluto. Lá fora, os néons pulsavam como se o mundo não tivesse perdido nada. Débora o abraçou até o corpo esfriar.

O que restava nela não era só dor — era espanto.

Porque compreendeu, enfim, que o amor, quando nasce fora da fronteira do permitido, carrega desde o início o sopro do fim.

E naquela noite, entre a cidade e o abismo, Débora aprendeu o preço de amar o que nunca deveria ter existido.





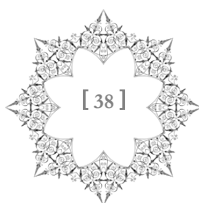
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

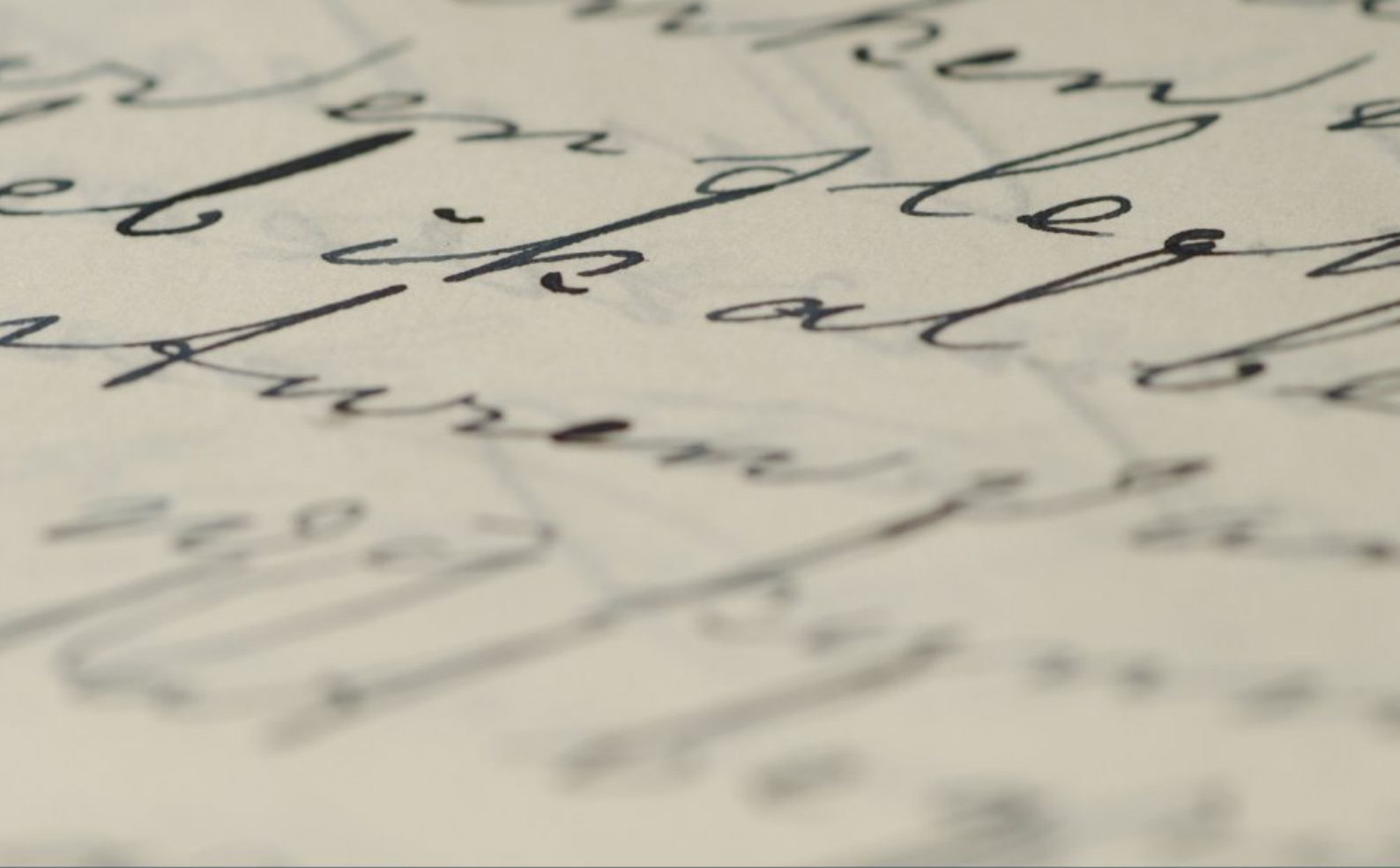
ETERNO

POR LAY BARRETO

Alaíde Barreto, professora, formada em Letras (Português, Inglês), Literatura e Artes (UEFS), Pós graduada em Técnicas de Ensino (Universo-RJ), escritora (três livros publicados), possui poemas selecionados em revistas e coletâneas nacionais e internacionais.

Quero acordar e poder enxergar
A beleza de um olhar
Que, no silêncio,
Diz mais do que mil palavras
Traduzindo
Segurança, serenidade, paz.
Quero sentir um abraço,
Não apenas o toque,
Mas um que minha alma
Vibre.
Quero o doce de um café
Sem pressa,
Mesmo que as horas
Marquem ultrapassagem
Do tempo
De se fazer qualquer que seja
O que precisa ser feito.
Quero poder caminhar
Vivenciando um amor
De novela ou filme
Desses que marcam uma vida.
E, já sabendo que nada é eterno,
Ainda assim,
Quero o preenchimento do vazio
Que algumas ausências
Deixaram.
Quero apesar e depois de...





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

RÓTULOS

POR LAY BARRETO

Alaíde Barreto, professora, formada em Letras (Português, Inglês), Literatura e Artes (UEFS), Pós graduada em Técnicas de Ensino (Universo-RJ), escritora (três livros publicados), possui poemas selecionados em revistas e coletâneas nacionais e internacionais.

Amor platônico:

Identidade surreal, intenso que dói,
Escondido no mais íntimo do ser;

Amizade:

Alegrias imensuráveis, sorrisos de encolher

O estômago;

Quem se atreveria a explicar

A cumplicidade e a vibração energética

Existentes nesses amores sutis?

Amor, amor, amor:

Quando você se depara

Com outra alma acolhedora

Que te eleva e te transforma

Na tua melhor versão?

Ah, sentimento pleno e livre,

Encontros de seres vibrando em sintonia,

Energia fluida, encontrando-se nas suas verdades

Que nada ou ninguém poderá contestá-los?

São formas de amor sem medidas de importância.

Afinal, todas as definições que queiramos dar

A esses sentimentos, momentos ímpares,

Carregados de emoções

São apenas rótulos.

A verdadeira essência é o que se sente,

O que se vive.

Ser compreensível aos olhos, explicado

Não cabe.

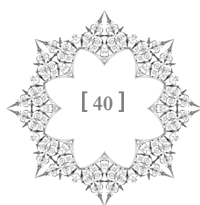
O amor, por si só, reflete a imensidão

Do querer bem,

De uma grandeza tão infinita... Mas que

sempre habita,

De alguma forma, dentro de nós!



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

ELE NÃO VIU

POR LI CORDEIRO

Eliana Cordeiro - professora aposentada, Pedagoga e Escritora-formada em Pedagogia e Letras. Atuou por mais de 30 anos na Educação Pública. Desde 2015 mantém um blog (licordeiro.blogspot.com) onde compartilha reflexões sobre a vida, cotidiano, aprendizados e experiências pessoais.

Ele não viu o espanto dos amigos quando foi embora. Não viu as perguntas sem respostas. Não viu meu sorriso sem graça nem minha boca ávida e minhas mãos trêmulas.

Não viu meu olhar triste, meu corpo definhar, meu pensamento voar e minhas lágrimas caírem.

Ele não viu as cortinas da sala que troquei por outras mais suaves, quase transparentes, onde mesmo cerradas podia-se ver a porta de madeira que tanto apreciava.

Ele não viu que mudei a nossa cama por uma bem melhor mais ampla e mais confortável onde caberia todo aquele nosso desejo.

Não viu o nosso quarto transformado mais harmonioso como os quartos chiques das páginas de revistas.

Não viu as roupas novas que comprei como quem veste um corpo que ainda busca sentido.

Nem viu que as camisas esquecidas no armário, foram doadas num domingo qualquer junto com o gesto silencioso de quem vai desaprendendo a esperar.

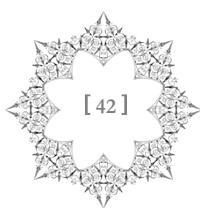
Não viu as poucas fotos que guardei e nem as que descartei junto com outras lembranças como bilhetes, perfumes e restos de um tempo em que éramos Um.

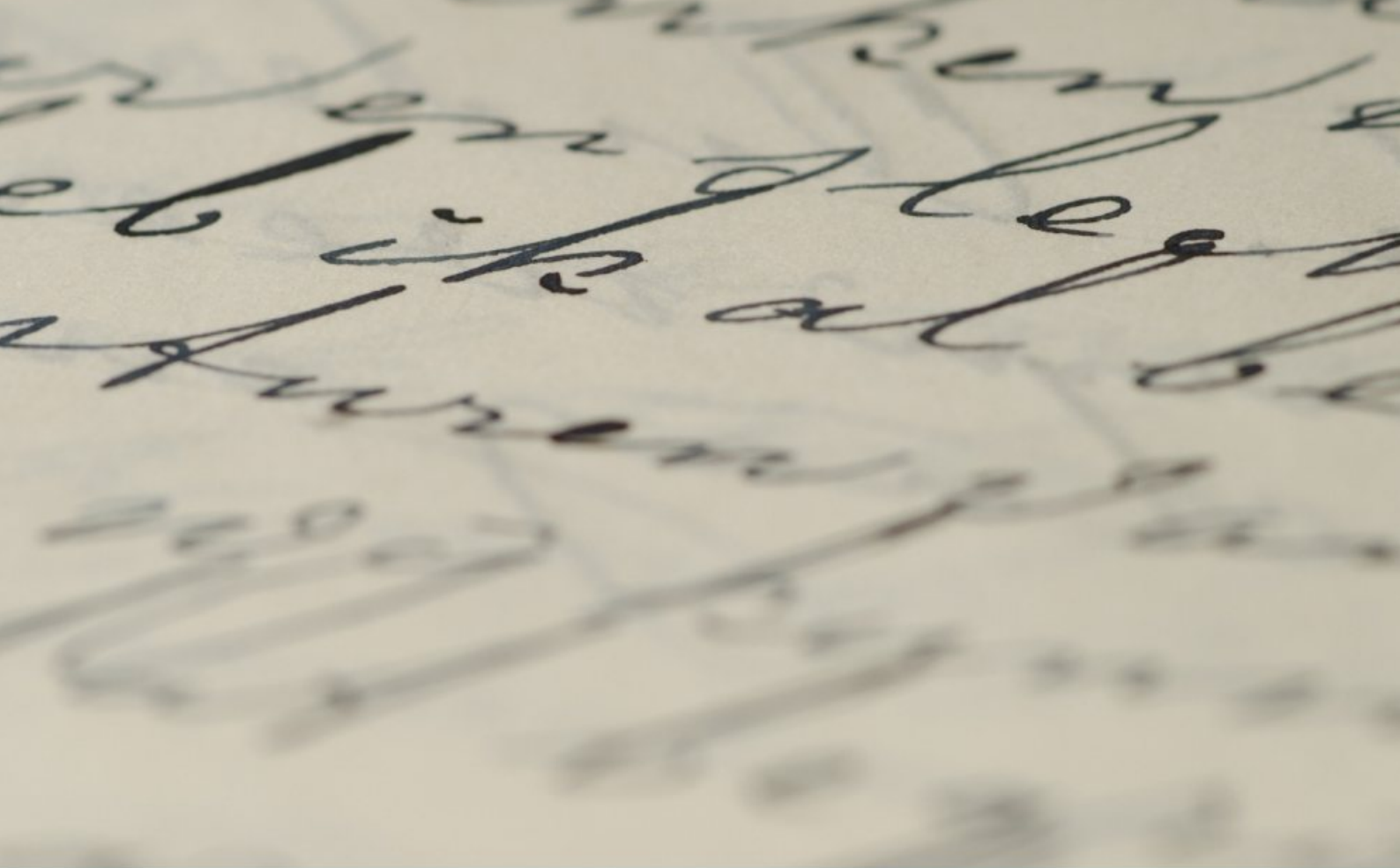
Ele não viu a saudade apertar e nem tentar espiar hesitante suas redes sociais pra saber se já tinha outra vida e se estava feliz passando imune pela minha tristeza.

Não viu as mensagens enviadas tarde da noite nem aquelas apagadas porque o orgulho gritou mais alto e o amor próprio, já ferido dizia não fazer mais sentido.

Ele não viu as plantas que cultivava e as flores do jardim que tanto gostava murcharem aos poucos, como se sentissem sua partida. Algumas reagiram, outras sombrias cederam à saudade.

Até as borboletas que antes ali pousavam alegremente pareciam perguntar por ele, inconformadas e revoltadas suponho, voaram ao seu encontro.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A LUA E O ASTRONAUTA

POR MARCOS.BRITO.76

Marcos Brito é bacharel em Design desde 2009. Trabalha em sua área de formação e também como ilustrador. Tem paixão por livros, por ler e escrever, tendo se tornado por enquanto autor de contos, trazendo ao seu nome um agradável currículo de publicações. E como a arte de criar mundos e contar história é vasta, ele não tem como plano parar tão cedo de escrever. Afinal de contas, é prazeroso contar boas histórias a bons ouvidos.

Por que as pessoas são tão fascinadas pelo céu, pela plenitude espacial onde estão a lua e as estrelas? Por que lá, apesar de escuro e vazio, parece tão mais bonito e atraente para meros mortais como nós? Temos tantas companhias aqui e lá é tão solitário! O que nos faz olhar para as estrelas com tanto interesse assim? O que nosso cérebro quer nos mostrar sem nos dizer uma palavra?

A resposta é simples: onde há solidão, as companhias encontradas podem ser as mais valiosas. Mundos separados, unidades isoladas de matéria, mas ansiosas por um encontro. Ali estavam eles dois, um homem, uma mulher, feito duas crianças, cada um no seu mundo admirando os céus. Por anos fantasiando o que seria de seu futuro se... não, pera!

Eles se avistaram. O toque inicialmente frio, mas formal, tornou-se doce e curioso com o passar dos dias. Eles se viram, se apertaram as mãos, mas passaram a diante como duas pessoas que não se conhecem; e não se conheciam. Era de noite, haviam estrelas no céu, estava levemente frio.

Aquele cumprimento, os semblantes, a presença ficou gravada em suas mentes de alguma forma, um pensando no outro sem jamais imaginar um reencontro. Até o dia em que um porta-voz do céu era necessário e ele foi escalado por ela para tal missão, e isso porque de alguma forma, ela sentia que ele tinha o que precisavam. Bom, se tinha ou não, ele ao menos sabia aonde buscar – no céu.

Foi assim que eles se conheceram, dois apaixonados pelo céu, pelas estrelas, pelos planetas e por todos os astros lá do alto; dois que sempre guardaram no coração a possibilidade de um dia morar muito além das estrelas, porque creem em documentos sagrados que prometem isso. Um casal que sempre olhou com curiosidade e fascínio para as alturas. Agora, uma Força vinda de lá tocou na moça e ela teve um insight – ele talvez tivesse o perfil para um trabalho específico. Ela o chamou; ele aceitou.

E enquanto o dia se aproximava, eles conversavam pelo celular e aprenderam assim a admirar um ao outro secretamente. Admiração platônica.

Eram duas pessoas quebradas pela vida e pelas circunstâncias, mas o desenrolar dos diálogos fazia com que cada palavra trocada preenchesse uma fenda que suas vidas insistiam em deixar ali. Cada palavra e cada sorriso fazia-lhes o febril passado ser

esquecido, cada conversa era um curativo; era o elixir das boas expectativas e da ansiedade de querer se aproximar mais um pouquinho sem dar muita mancada. Eram dois adultos, mas agora pareciam duas crianças; ele mais ainda, quando queria fazer algum convite. Tiveram seu primeiro passeio, seu primeiro abraço, suas primeiras tagarelices.

Descobriram nesse meio-tempo suas paixões ligadas às alturas; falavam agora sobre voos, sobre estrelas, sobre astronomia e sobre tudo que é brilhante lá em cima. Seus olhos brilhavam, com tanta coisa em comum que iam descobrindo aos poucos um no outro. Nem percebiam; estavam nas alturas eles mesmos, através do mundo que estavam criando para si.

Foram ao cinema, mas não se beijaram; ele queria o momento certo para isso. Viram muitos filmes e na maioria das vezes, abraçados; mas não se beijaram até que houvesse o pedido oficial como um cavalheiro deve fazer. Foi aí que idealizaram a conquista de seu mundo, com suas ideias e planos, sobre como poderiam fazer tudo isso juntos; foi quando ele a pediu em namoro e ela disse “sim”. Então ele disse “Agora eu posso te beijar.” E a beijou.

Esperaram pacientemente por uma vida até encontrarem um ao outro. Guardaram os melhores sorrisos, as melhores ideias, as melhores piadas, os melhores desafios de charadas para usar um com o outro. Passaram a inventar suas diversões em tempo real; duas crianças em corpos de adultos. Aprenderam a rir novamente, dando gargalhadas de suas próprias bobagens, como dois personagens de um conto de fadas narrado para uma criança. Mas eles eram reais e tudo que eles faziam também. Todos os viam, todos os assistiam; eles de fato eram reais, eram de carne.

Dois amantes apaixonados, sorrindo um para o outro; andando de mãos dadas como se tivessem nascido nas décadas de seus avós; se encontrando com abraços e beijos; se despedindo com abraços e beijos que duravam um século para terminar. Além do último beijinho enviado por através das grades do portão, antes que a porta dela se fechasse à noite. E ele partia.

Eles davam certo em quase tudo; se fosse em tudo, seria perfeito demais; mas eles eram alinhados em grande parte de suas ideias, pensamentos, propósitos e metas. Planejavam o futuro juntos, incluindo suas crianças, dois rapazinhos encantadores, inteligentes e criativos.

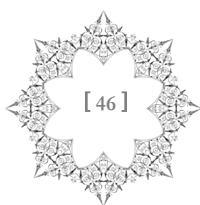
Chamavam a morada do alto de reino; continuaram idealizando os preparativos para um dia irem pra lá, a família inteira. Ele a escolheu para amar, mesmo com todos os defeitos que ela tinha. Ela o escolheu para amar, mesmo com todos os defeitos que ele tinha. O propósito deles, desde o princípio era *nunca desistir um do outro*. E assim seguiram.

Eles se olhavam, enquanto o outro estava concentrado ou distraído, apreciando aquele semblante que veio depois da voz e da inteligência que encantou a ambos. Gravaram no coração a meta de conhecer aquele mesmo semblante, quando ele já estiver com a coroa branca sobre cabelos negros. E mesmo com os furacões e tempestades que ambos enfrentaram juntos, se uniram e lutaram juntos, pois juntos eram mais fortes.

Ele não era acostumado [e nem gostava] de fazer declarações de amor; o *te amo* lhe foi muito falado de forma vazia durante a juventude, arrastando atrás de si a amargor da fúria de quem apreciava fazer isso. Mas a ela, essa frase tomou um significado diferente. E ela sabia que se ele dissesse *te amo*, seria de coração. Pois sentido geral da vida, deve ser muito boa a sensação de ser amada em voz alta. Então ele disse: “Te amo, meu bem.”

A vida deles deveria ser copiada por todos os casais, mas não o foi, ao menos ainda não. Entretanto, ela sempre será contada, pois aquele que vos escreve é um dos protagonistas o qual lhes conta com orgulho, quão maravilhoso é amar e ser amado de volta.

Na agenda dele, o nome dela traz uma lua; e ele, ele é o astronauta.



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

COMO A ROUPA LAVADA

POR NELLA FERREIRA DA CONCEIÇÃO

Professora universitária, Psicopedagoga e Coordenadora de Pós Graduação. Mestre em Educação. Diretora de escola para alunos com dificuldades de aprendizagem. Grupo de pesquisa em Educação: 6 livros em coautoria. Coordenadora e capítulo no livro "Olhares Plurais sobre o Meio Ambiente", Ícone Editora (2010). Já aposentada e com gosto pela escrita: 23 contos publicados em antologias de várias editoras. Primeiro romance: "Tempo de Travessia" (2023), Editora Caqui Literário, na Amazon. Segundo romance: "Onde está o meu Lugar?" (2025), Editora Ipê das Letras, na livraria Martins Fontes Paulista.

A roupa lavada traz uma bela sensação de bem estar. Pelo óculo da máquina, vejo a roupa se revolvendo. Esse movimento envolve e revolve minhas lembranças, é uma imagem radiante para a limpeza da alma.

Sou imigrante por casamento. Quando viajo para a minha terra, fico novamente sem casa. Perdi muitas das minhas referências por um amor que mostrou merecer. Muitos anos passaram, muitas angústias, indecisões e decisões. Muitas idas e vindas. Sempre um recomeço de vida e de alma, com a presença de um amor resiliente: umas vezes, com olhos tristes, outras vezes, com olhos apaixonados esperando a minha cura. Ter um amor tocado pela amizade lava a nossa alma, torna-nos mais fortes para enfrentarmos nossas tempestades emocionais.

Um novo país radicalmente diferente provoca uma mistura de referências de identidade. Tornamo-nos imigrantes para sempre na nostalgia das nossas perdas. É uma explosão de sensações numa maré de sentimentos, em um vai e vem de ondas emocionais. Acabamos por adotar uma outra forma de nos inserirmos no mundo, numa identidade híbrida em busca de lugar. Misturamos sentimentos: amor pode ser amizade?

Com amor se constrói uma família, com amizade estabelecem-se vínculos para a vida. Com a insegurança que muitas vezes aparece nas vicissitudes da caminhada, passamos por vários enfrentamentos, por novas emoções. As dúvidas acompanham-nos, as tomadas de decisão desafiam-nos. Com a certeza de sermos amados, poderemos vencer a persistência de correntes contrárias.

Aprender a cuidar de si e do outro é um ato de amor. Não se pode dizer que exige uma aceitação do jeito do outro, também não é prisão, nem liberdade. É uma conquista quase diária, na fragilidade e no acolhimento de que o erro e a frustração fazem parte. O amor ajuda se estivermos abertos para aprender juntos novas habilidades para lidar com as dificuldades da vida, algumas vezes com lágrimas molhando nossas palavras.

Apreendi algo que pode ser comparado ao amor: sentir com o coração a rede de relações que mantém a vida na Terra, suas conexões entre as raízes das árvores de uma mesma espécie ajudam a compreender os movimentos sutis do amor. Não sabemos quanto tempo ele vai durar. Aí reside o mistério. O amor é uma flor que precisa ser regada e de vez em quando precisa de pequenas podas também.

É uma construção: enquanto for gostoso acordar junto, num abraço de conchinha e o café da manhã for colorido por sorrisos amanteigados e pelo cheirinho de pão novo, o amor pode ser possível mesmo ao final de 50 anos de união.

Às vezes, também no silêncio da cumplicidade, enquanto se escuta juntos o canto dos passarinhos: *“Olha, Ana, este canto é do sabiá! Já o outro, ao fundo é do tucano. Um canto estranho, não acha?”* Eu concordava, o canto do tucano não merece a beleza de suas penas, nem de seu bico.

Enquanto eu olhava a roupa se revolvendo na lavadora, percebia-a jogada pela força da energia. Chegava a sentir um aperto de alma. Não conseguia discernir se era pela lembrança dos múltiplos sentimentos pelos quais passei ao longo de alguns anos ou pela resistência aos embates. Talvez pela leveza da alma, sempre acompanhada por um amor cheio de esperança, imbuído da alegria de ter um coração amigo. Um aperto, uma lembrança, desta vez acompanhada de um sorriso, na contemplação da quebra do horizonte.

O óculo da máquina, como uma porta aberta para o mundo, mostrava as cores das roupas que ora sumiam, ora apareciam, com adoráveis bolhas de sabão sérias e comprometidas, mas fugazes, preenchendo meu imaginário, trazendo uma ilusão de realidade sem consistência. No entanto, elas brotam do sabão que consistente que pode lavar impurezas.

Com um sentimento de saudade, voltava à minha terra para gozar o prazer de reviver meus primeiros amores e de celebrar um amor estrangeiro. Com olhos semicerrados, vejo um avô trazendo seus netos para conhecer a terra da avó, explicando as diferenças entre as culturas, alimentando a alma de quem está se abrindo para as surpresas de um novo mundo. Nos seus corações adolescentes, cabe a descoberta de que a vida pode ser construída a partir do diferente na confluência de laços afetivos, amigos e resilientes.

Somos uma família que contempla a diversidade de raça e de alma. Um amor lavado de impurezas, revolidado e reconstruído nas asperezas da vida, com sentimentos de inúmeras feições: amor, afeição, tristeza, raiva, perdão, alegria, gratidão, doçura e amizade, um pouco de cada cor. Toleramos os defeitos, sempre em busca de nos tornarmos melhores pessoas, refazendo nossos olhares e referências, persistindo naqueles princípios que, à maneira da lavadora, limpam as nossas roupas.

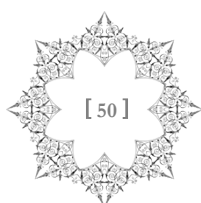
Ensinamos nossos filhos e netos que as batalhas são vencidas com discernimento entre o bem e o mal, e que o amor nos torna amigos uns dos outros. As batalhas emocionais transformam nossos corações, como o prazer de vestirmos nossas roupas bem limpas e cheirosas. As roupas precisam de um novo movimento: o da secagem. Com elas limpas, secas e cheirosas, aventuramo-nos de novo na batalha da vida que começou com um amor presente com um idioma diferente.

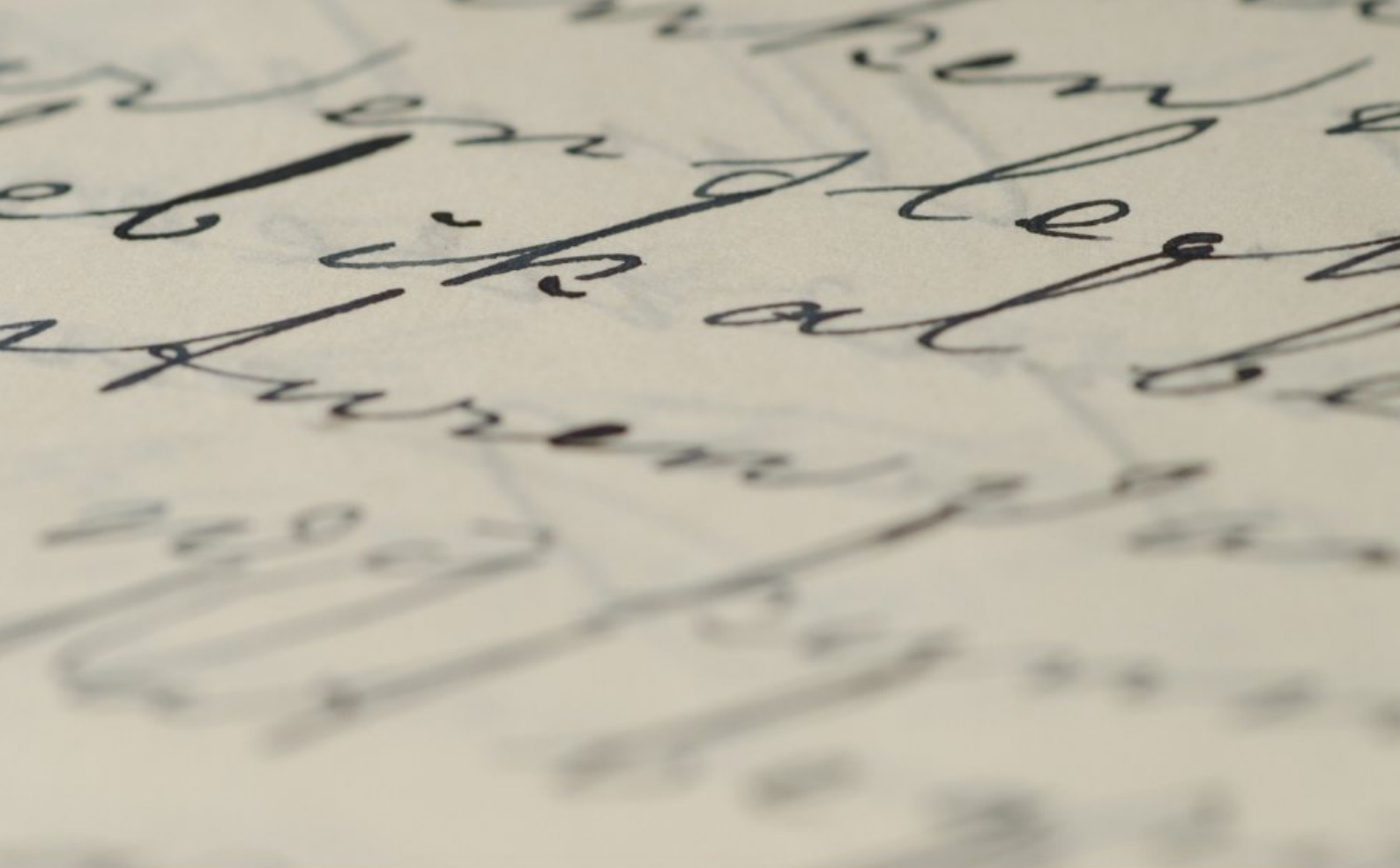
A coerência ajuda. Quando planejar um projeto, vá até o fim e conclua. Se prometer alguma coisa, respeite. Faça e refaça projetos, mas termine-os. Controlar emoções e sustentar combinados traz benefícios para a saúde mental, cria credibilidade, faz crescer elos de confiabilidade nos relacionamentos.

A família seguiu em frente, garbosa e vencedora, apesar de um oceano de egoísmo e de egos inflados a que o mundo parece ter chegado. A amizade é um milagre que vai além de um eletrodoméstico, predestinado a uma validade determinada quando suas forças mecânicas se esvaem.

Velhos amigos são tesouros incalculáveis, sem tempo de validade. São poderosas forças que sempre nos ajudam a lavar as nossas almas das impurezas que por vezes a poeira do tempo nos traz. Dá alento e sentido à nossa existência

Depois que as mãos se enrugam, aprendemos que os sentimentos autênticos e a busca do bem contribuem para passos que desembocam em felicidade. Estes nem sempre são perfeitos, mas alternados de momentos, uns plenos e outros nos preparam para pequenos recomeços contribuindo, talvez para um mundo mais coerente e correto.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

MARCAS DA INUNDAÇÃO: UM CONTO DE AMOR EM TEMPOS DE DESASTRE

POR RAVEN FIORI

Raquel Fiori é educadora e pesquisadora com sólida formação em Química pela PUCRS, onde concluiu diversas licenciaturas, bacharelado e formações tecnológicas. Possui Especialização e Mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos (ICTA/UFRGS) e Doutorado em Educação Química pelo PPGQVS/UFRGS. Atuou como Especialista em Saúde no Laboratório Central do Estado. Mesmo aposentada, segue contribuindo como Conselheira Federal no Conselho Federal de Química. Raquel mantém presença acadêmica ativa e reúne reconhecimentos como autora e divulgadora científica, possui postura colaborativa, liderança técnica e compromisso em fortalecer a área da Química por meio de ações educativas e institucionais de impacto. Neste momento de sua trajetória, deseja se aventurar no universo da escrita e explorar novas formas de compartilhar suas ideias.

Naquela manhã de maio de 2024, o dia não rompeu no horizonte. Já fazia uma semana que a chuva persistia incessantemente, e as águas haviam inundado bairros completos em Porto Alegre. As ruas tornaram-se rios, os campos viraram pântanos e o Aeroporto Salgado Filho desapareceu sob uma onda de lama, como se jamais tivesse estado ali.

Turi estava no quarto escuro, a energia elétrica terminara na noite anterior. Agarrava-se ao celular, buscando uma conexão com o mundo que parecia ter afundado, mas decidiu acessar o aplicativo de relacionamentos. Foi nesse instante que encontrou a foto de Raquel: olhos negros e sorriso delicado. Turi olhou a tela por minutos e pensou em apagar. Não apagou.

— Oi. Espero que esteja bem, apesar de tudo isso — enviou, torcendo para não parecer desesperado.

— Na medida do possível... e você? — ela respondeu rápido, como quem também precisava de alguém.

— Lutando para não afundar — respondeu com um sorriso nervoso ao som da chuva abafado ao longe.

A conversa seguiu nos dias seguintes, entre sirenes, helicópteros e notícias de corredores humanitários improvisados para resgatar famílias ilhadas. Em meio ao caos, Turi e Raquel encontraram um refúgio um no outro.

Nos dias que seguiram, muito falavam sobre os corpos boiando nos canais improvisados, sobre os cães e gatos abandonados e sobre o Caramelo — o cavalo símbolo de resistência, visto em cima de um telhado, ilhado e ainda vivo. Foi nessa hora que Raquel soube: Turi tinha sido um dos que ajudaram a tirá-lo dali. Contou sem vaidade, como quem apenas fez o que era certo. Mas foi isso que mais a encantou — não o feito em si, mas o modo como ele se movia no meio do caos: com bravura, cooperação e uma humanidade rara.

No quarto dia de conversa, Turi não aguentou mais:

— Apesar de estarmos cercados de água, quero te ver!

— Sim, acho que ainda tem estrada seca entre nós! Ela responde sorrindo.

Marcaram de se encontrar em um shopping que ainda não havia sido alcançado pelas águas . Quando se viram, faíscas trocaram olhares. As mãos trêmulas e os corpos tensos pareciam suspensos no tempo, como se o mundo tivesse pausado apenas para este encontro.

Naquela noite, depois do encontro, eles se deitaram lado a lado. Pela primeira vez em dias, conseguiram esquecer o mundo lá fora. Entre cobertores e gestos silenciosos, seus corpos se reconheceram. Não havia glamour — só a verdade simples e bonita de estarem juntos.

Os dias seguintes foram marcados por salvamentos — de animais resgatados e levados para abrigos temporários, enquanto outras tantas pessoas também foram socorridas, incluindo idosos, crianças, e pessoas com necessidades especiais. Os barcos dos bombeiros, equipe da defesa civil e de voluntários civis viraram símbolos de esperança.

Médicos, pescadores, motoqueiros, professores, garis, donas de casa, entregadores, voluntários de igreja, jovens com coletes improvisados — todos viraram heróis.

Raquel e Turi ajudaram como podiam — ele participou de resgates em áreas alagadas, atravessando ruas transformadas em rios , ela ajudava nas doações de roupas, abriu sua casa para quem precisava de banho quente ou um copo d'água limpo.

Não houve câmera, nem manchete, mas houve entrega. E à noite, quando se falavam de novo, havia um silêncio entre eles , marcas de cicatrizes emocionais diante da tragédia.

Marcaram um café para se reencontrarem novamente. Dois dias depois, entre mais chuvas e relatos de rompimentos de diques, Turi refez o caminho, ainda mais lento. Trouxe pão, Raquel fez café, e pela primeira vez, riram alto, quase sem culpa. Estar juntos não era fuga, era sobrevivência emocional.

Não tinham promessas, mas tinham presença. Isso bastava. Naquela semana, o frio veio de repente, como se o céu, além de água, também despejasse vento. Raquel ofereceu a Turi um chá quente e não disseram nada, apenas dividiram silêncio e calor.

Um dia, sem planejar, Turi trouxe uma muda de alecrim. Disse que era resistente, não precisava de muito sol. Raquel colocou em sua janela ,não se falava mais só de perdas, falava-se de recomeços .

Turi e Raquel ainda caminham juntos pelas ruas feridas de Canoas ,cidade onde Turi está morando desde então,onde postes ainda estão tortos e o cheiro da umidade persiste nas paredes.

Enquanto isso, o estado começava lentamente a se reorganizar. O Rio Grande do Sul inteiro parecia renascer como uma fênix — não em fogo, mas em lama e solidariedade. Cidades se reinventavam com mãos dadas, comunidades se refaziam mesmo sem saber por onde começar.

Os dois seguem com suas rotinas, ajudando amigos, apoiando familiares, mas sem grandes atos públicos. A vida exige muito: o trabalho precisa continuar, as contas não param, e os fantasmas da enchente ainda se sentam à mesa com eles.

O amor entre eles cresceu assim: em meio ao caos. Não foi feito de promessas floridas, mas de uma constância serena. Um cuidava do outro nas crises de ansiedade, nas noites de chuva, nos silêncios longos que a memória das águas impunha.

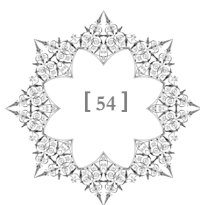
A relação amadureceu entre boletos pagos com esforço e noites maldormidas. Não havia conto de fadas, mas havia o real — e isso era mais do que suficiente. Era amor com raízes, não com enfeites.

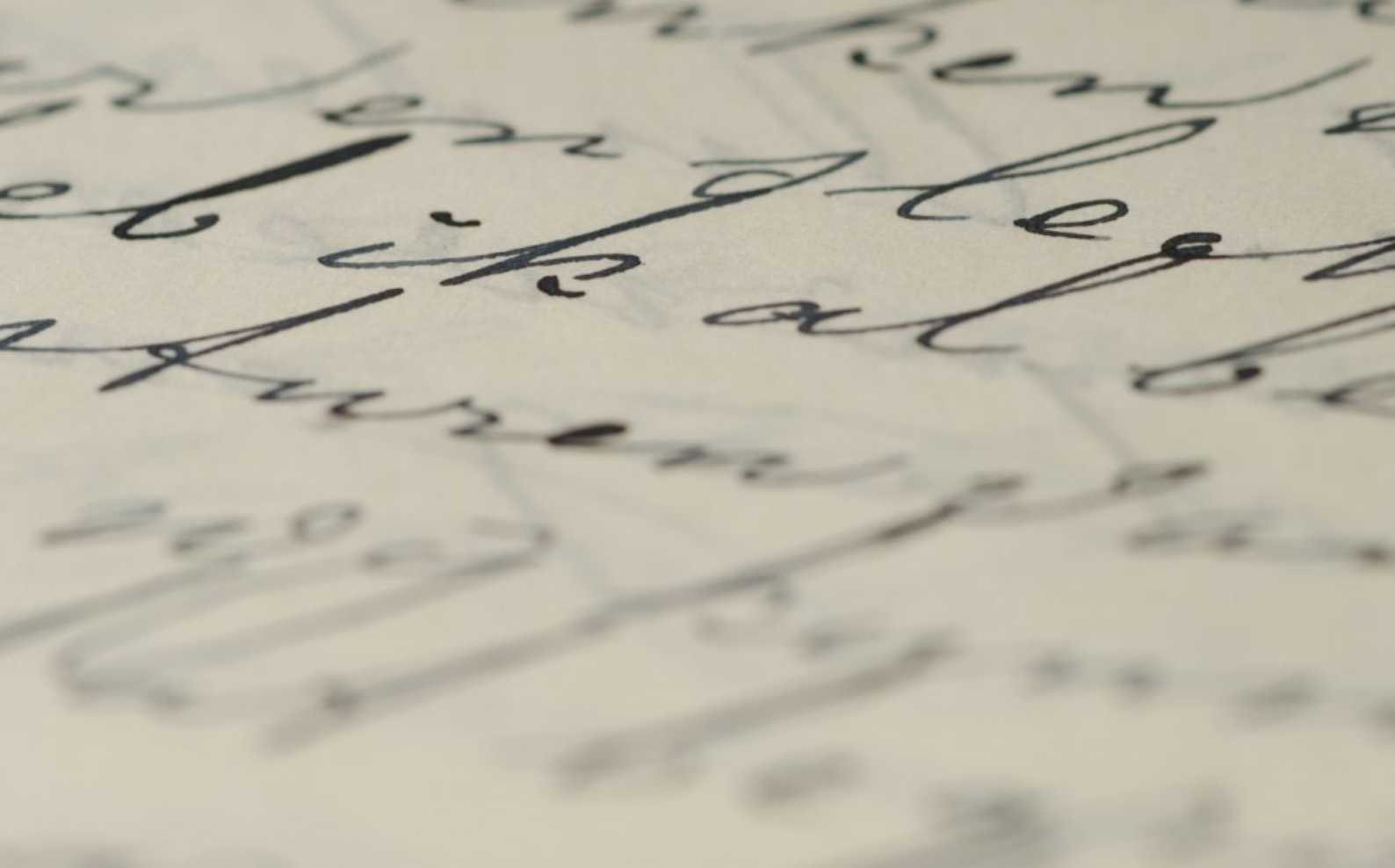
Quando o trabalho apertava, bastava uma mensagem curta:

— Passa aqui depois? Fiz café. E ele ia. E ela esperava. E isso era tudo. Assim seguiram, dia após dia, tentando construir um ninho possível num mundo que ainda reaprendia a respirar.

Assim se revelam as marcas da inundação, o legado mais íntimo da enchente: não apenas o que ela levou, mas o que ela — estranhamente — uniu.

Em meio ao caos, ficaram as marcas— algumas visíveis nas ruas, outras silenciosas no coração. Mas entre todas elas, havia também o traço mais improvável: o início de um amor.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

PARA SEMPRE, SAYURI

POR ROBERTO SCHIMA

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado em concursos da Conexão Literatura - com a qual colabora desde o nº 37 -, Ed. Arame Farpado e Ed. Mhajulla. Colabora também com a revista LiteraLivre. Participou de quatrocentas e quinze antologias. Escreveu: "Cinza no Céu", "Sob as Folhas do Ocaso", "Era uma Vez um Outono", "Vozes e Ecos", "A Voz do Oceano" etc. E-mail: schimaroberto@gmail.com

A caneta treme em minha mão feito um graveto seco açoitado pelo vento.

Pestanejo.

Xingo.

Rio.

Como não poderia deixar de ser, minha letra sai tão ruim quanto se eu estivesse escrevendo com a mão esquerda sem ser canhoto ou como os rastros de um bêbado no chão lamacento.

Não é culpa da caneta, tampouco do papel e sequer de meus dedos murchos, fracos e enrugados. São só instrumentos. É a central de comando que está confusa, HD rateando, ferrugem e poeira a cobrir os neurônios em trajes de final de outono.

Ah, muitos glamourizam a velhice, criando frases de efeito como "a melhor idade". Citam o privilégio de se ter atingido uma idade avançada, enquanto tantos não tiveram tal oportunidade. Sob esse ponto de vista, não há como negar. Pelo contrário, a emoção atinge o coração antes de migrar para os olhos e deixar pegadas úmidas de saudade.

Quando eu era pequeno, o mundo era grande e misterioso. Conforme ultrapassei a infância, passei pela adolescência e atingi a maturidade, tornou-se menor e menos desconhecido, familiar até. Agora, ao findar da jornada, ele tornou a me parecer imenso e estranho. Causa temor. É uma vastidão de vazio... Sim, muitos rostos afáveis se foram, soprados pela brisa do tempo, apagados como a chama de uma vela. Ficou tão escuro! Perdi tantos colegas, parentes e amigos no decorrer da vida... E, claro, o pior de tudo, perdi você, Sayuri, minha pequena flor de cerejeira, transformada em anjo para sempre.

No entanto, como disse certa feita uma mulher famosa em idade tão avançada a ponto de não controlar a própria fisiologia, mas ainda lúcida: "A velhice é uma indignidade". Sim, tem esse outro lado, o da decrepitude, da impotência, da pele enrugada e manchada, dos cabelos grisalhos, da fadiga, da dor nas articulações, da pressão alta demais ou baixa de menos, da vista fraca, da perda de memória, dos dentes, da noção das coisas. Os inúmeros problemas de saúde. Um mundaréu de remédios. A bexiga desobediente. O rótulo de gagá, esclerosado ou caduco. O isolamento social. As degradantes fraldas geriátricas. A mal disfarçada impaciência e fisionomia de nojo do cuidador. Ver-se transformado de arrimo de família em um estorvo. Sob esse aspecto, a demência chega a ser quase uma bênção, exceto, é claro, para quem toma conta.

O destino não me privou da consciência com o passar das décadas; não ainda, ou, ao menos, não de todo, pois minha cabeça nunca foi lá essas coisas. E o meu maior pesar não são as idas frequentes ao banheiro, a saúde debilitada, a insônia persistente, a calvície, os medicamentos, a coluna torta, as juntas travadas, as gengivas banguelas ou o anacronismo de viver em uma época da qual não me sinto mais parte.

O pior são as recordações.

Elas pairam perante meus olhos feito miragens no deserto ou fantasmas de antigos casarões coloniais. Uivam, arrastam correntes, trazem consigo o vácuo deixado por aquilo que se foi e, em particular, *daquela* que se foi. Sim, de você, Sayuri!

Quantos anos faz isso?... Meus Deus, mais de sete décadas!

Sequer havíamos entrado na adolescência então.

Você era a menina do outro lado.

Você lá e eu cá, *gaijin*.

Como uma paródia mirim de Romeu e Julieta, nossas famílias se opuseram à amizade. Mencionaram diferenças irreconciliáveis de cultura, tradições, idiomas, costumes etc. Mas tudo se resumia a uma só palavra: preconceito. Tanto de um lado quanto do outro. Deviam ter imaginado tal situação antes de saírem de seus países de origem, Itália e Japão!

Mas crianças não enxergam nada disso. Só sentem e deixam-se levar pela curiosidade e pelo coração.

Dos sorrisos hesitantes e acenos iniciais, veio a aproximação acanhada, as primeiras palavras, as apresentações:

— Eu me chamo Giusepe!

E, por trás da mãozinha a cobrir a boca e o sorriso tímido:

— Meu nome é Sayuri.

Sayuri... Soava tão exótico e encantador! Depois, veio a troca de presentes: uma bala aqui, um desenho mal feito ali, uma flor acolá. Até lhe dei uma borboleta fincada num alfinete de minha coleção. Oh, mas ela não aprovou essa última oferta! Com delicadeza, fez-me prometer nunca mais matar um inseto ou qualquer outro ser vivo a menos que fosse para me alimentar. Sim, veio dela esse ensinamento, e levei-o comigo por toda a vida. Nenhuma morte valia uma demonstração de afeto. Por isso, também deixei de arrancar flores silvestres para dar a ela. Em vez disso, entreguei uma latinha cheia de terra

com uma plantinha dentro. O sorriso dela foi tão radioso que iluminou o mundo inteiro. Bem, o meu pelo menos.

"Aonde você pensa que vai?", esbravejava meu pai.

"Vô jogar bola!", eu mentia, pois detestava futebol.

Ouvia um resmungo ou via um balançar de cabeça.

Certa vez, Sayuri me trouxe um bolinho branco, com um recheio escuro no meio. Era macio; e o sabor, diferente. Falei que gostei, até ela me explicar que era doce de feijão. Engasguei, achando isso bastante esquisito. Expliquei a ela:

— Feijão é comida salgada. Não é pra fazer doce!

— Milho também — argumentou ela. — Mas você não come pamonha?

A contragosto, tive que dar o braço a torcer, embora a estranheza do doce de feijão persistisse.

Encontrávamo-nos às escondidas. Havia um certo ar de aventura, de desafio, de segredos, de coisa proibida. Era tudo muito inocente, sem qualquer malícia ou imundície do mundo de gente grande. Naquele tempo, a ingenuidade ainda existia. Conversávamos, ríamos, brincávamos, falávamos de nossas famílias e costumes. Às vezes, ela me ensinava uma palavra ou outra em japonês. Eu sabia muito pouco de italiano, a bem da verdade, mais preocupado com a tabuada do que em me aprimorar sobre o país da bota. E sequer ia bem nos estudos! Mas ensinei-lhe *nonna*, *caspita* e *ecco*, que a bisa — avó do meu pai — vez ou outra falava.

Aliás, foi ela quem, certa feita, apanhou-nos em flagrante a compartilhar um gibi do Walt Disney. Ríamos das peripécias do Pato Donald numa terra onde as galinhas botavam ovos cúbicos. Ao encarar a minha bisavó, Sayuri corou e arregalou o quanto pôde o seus olhinhos amendoados, assustada, prevendo a reprimenda e uma enxurrada de impropérios napolitanos. E, confesso, eu também. Em vez disso, a bisa murmurou:

— Pepe...

Então, deu um largo sorriso e, a um sinal enrugado com o indicador, sugeriu-nos silêncio a fim de que os outros não nos escutassem. Acho que nunca a amei tanto quanto naquele instante. E, a contar pela expressão de contentamento e felicidade de Sayuri, creio que ela sentiu algo parecido pela velha *gaijin*, a qual chamou de *obaasan*.

Japoneses eram bastante comedidos em demonstrar afeição. Aliás, eu diria que nunca demonstravam. Pelo que deduzi, não era somente em público, mas dentro de casa

também. Talvez por isso, eu e Sayuri nos demos bem. Nesse ponto, ela era diferente. Ela sentia falta de um gesto de carinho. E eu adorava vê-la feliz.

Imaginávamos que a nossa amizade — na verdade, uma espécie de amor — duraria para sempre, por menos que compreendêssemos o significado tanto do amor quanto do "para sempre".

O para sempre...

Sim, não entendíamos.

O sempre era tempo demais.

Como cantaria aquele menino do Legião Urbana muitos anos depois, "o pra sempre, sempre acaba".

Foi numa tarde fria, quando o outono findava, e o inverno se insinuava através dos galhos despídos das árvores. Os ramos tiritavam à medida que o vento soprava. O horizonte se tingia de vermelho na direção do poente, enquanto as primeiras estrelas se insinuavam no firmamento, seguindo o exemplo daquela mais brilhante, a Estrela Vespertina, que, na época, eu não sabia ser o planeta Vênus.

Pretendíamos nos encontrar para conversar um pouco sobre como havia sido o dia de cada um na aula, pois estudávamos em escolas diferentes. Eu ansiava por lhe mostrar as figurinhas que ganhara de um colega e mostrar o álbum quase cheio. Era um álbum bastante instrutivo com seções sobre animais pré-históricos, minerais, eventos históricos, países, ciência em geral. Uma maravilha! Álbuns assim estimular-me-iam mais tarde na leitura dos assuntos que tratavam através de revistas e livros. Eu também queria aprender palavras novas em japonês, além de *gohan*, *arigato*, *moti*, *mottainai* e *sayonara*.

O que se sucedeu foi uma visão terrível a acompanhar-me por toda a vida.

Pelo que deduzi mais tarde, os familiares dela haviam descoberto a sua intenção de me ver. Proibiram-na terminantemente de sair, até ameaçando-a de surra com uma varinha de bambu. Revoltada, ela escapou de casa, abriu o portão e, avistando-me, correu em minha direção. Seus pais gritaram o nome dela logo atrás.

— Sayuri!

— *Yamete!*

Havia incredulidade e raiva naquelas vozes, diante da indisciplina da menina.

Seus sentimentos, assim como os meus, transformaram-se em horror.

Na sua fuga, ela atravessara a rua sem prestar atenção.

O automóvel não conseguiu frear a tempo.

O som do impacto, aquele som...

A vizinhança toda saiu. Multidões soltaram exclamações espantadas.

— Meu Deus!

— O que foi?

— A menina!

— Quem?

— A japinha... O carro!

— Judiação...

Meus pais também vieram para fora, porém, diante do ocorrido, em vez de uma bronca, abraçaram-me e me levaram para longe da cena sem que eu me desse conta, tal o meu estado de choque. Chorei muito nos braços da bisavó.

— Ah, *bambino, bambino*...

Assim como o sopro fugidio do outono — ou uma flor de cerejeira —, Sayuri se foi.

Não é exagero dizer que uma porção de mim também foi dilacerada e arrancada. Sobrou o silêncio, o frio e o vazio de uma noite de inverno sem estrelas no céu.

Pouco tempo após a tragédia, a família de Sayuri se mudou e dela nunca mais ouvi falar. Sua casa permaneceu vazia por um longo tempo. Então vieram outros moradores — *gaijins* — que reformaram o imóvel, alterando completamente sua aparência, apagando o passado como se jamais tivesse existido.

Os anos voaram.

Cresci, atravessei a adolescência, entrei na maturidade, tornei-me adulto. Mudei de bairro, de cidade, até de estado. Namorei algumas vezes, contudo, os casos nunca foram adiante. Anos depois, conclui que, de forma inconsciente, eu buscava nas mulheres os mesmos predicados de minha amiga de infância. Felizmente, não cheguei a contrair matrimônio. Não seria justo com a esposa, tampouco com a memória de Sayuri. E eu nunca seria feliz. Não que o tivesse sido sozinho, mas, ao menos, não arrastei ninguém comigo.

Agora, ao atingir o final de meu inverno, sem esperança de alcançar uma primavera, não posso deixar de refletir. Eu e Sayuri sonhávamos que a nossa amizade, nosso tipo especial de amor, duraria por toda a vida. Todavia, o destino a tomou de mim, e aprendi da maneira mais bruta que nada era eterno, pois até as estrelas no céu, um dia, desapareceriam. A sabedoria nipônica já ensinara isso há milênios através da efemeridade da *sakura*.

Nada dura para sempre.

E, no entanto...

Sayuri jamais saiu de meus pensamentos. Desde os tempos de criança. As recordações de nossas brincadeiras, a lembrança de seu jeito sem jeito, a memória de seus cabelos negros e luzidios agitados pelo vento, o gosto do doce de feijão. Sim, é verdade, o anjo que ela se tornou nunca me abandonou. Eu estava errado. Todos estavam, até o Renato Russo e os japoneses.

Meu amor por ela foi para sempre.

Ela nunca deixou de estar comigo, nem deixaria.

Enfim, concluo minha mensagem. A mão treme. O antebraço dói.

Prestes a fazer a caneta rolar chão abaixo feito um graveto partido, eu digo a você, Sayuri:

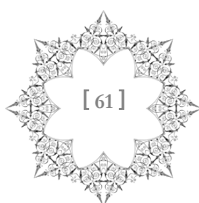
Estamos juntos, sempre estivemos, embora não da maneira que imaginávamos.

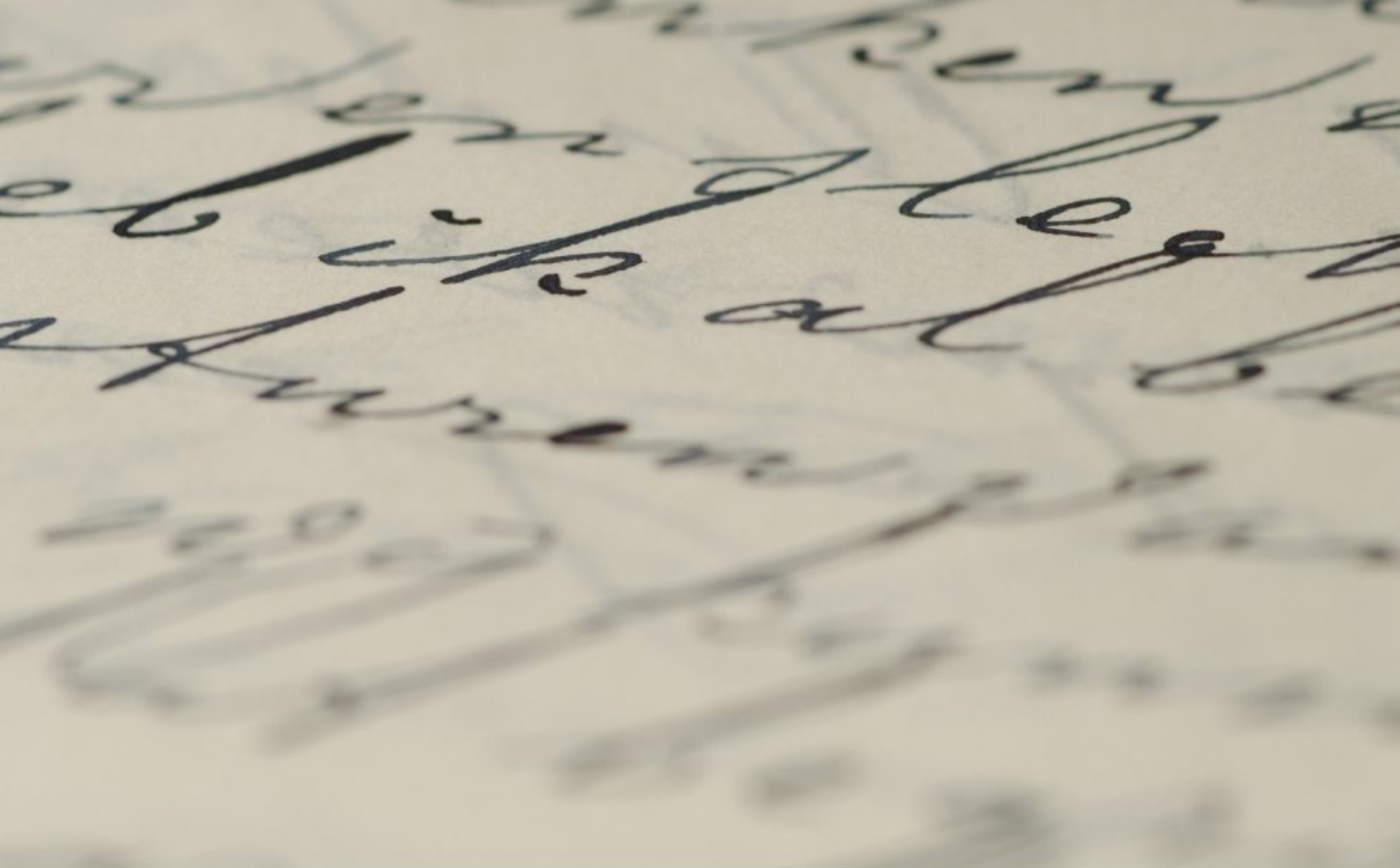
Miragens.

Fantasmas.

Recordações.

O "para sempre" existe!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

AMAR DE NOVO

POR ROSA CANCIAN

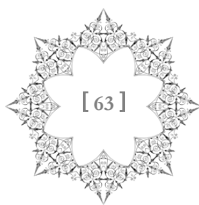
Maria Rosa Pereira Cancian, natural de Colatina – ES, nascida em 22 de agosto de 1967, filha de Aniceto Cancian e Helena Pereira de Jesus Cancian (in memória), moradora de Eunápolis – Ba desde 1976. É capixaba de nascimento e baiana de coração. Escreve seus primeiros versos na adolescência e continua até hoje, 58 anos. Escreve por necessidade íntima, sempre como uma forma de se expressar, já que a timidez é um traço forte na autora.

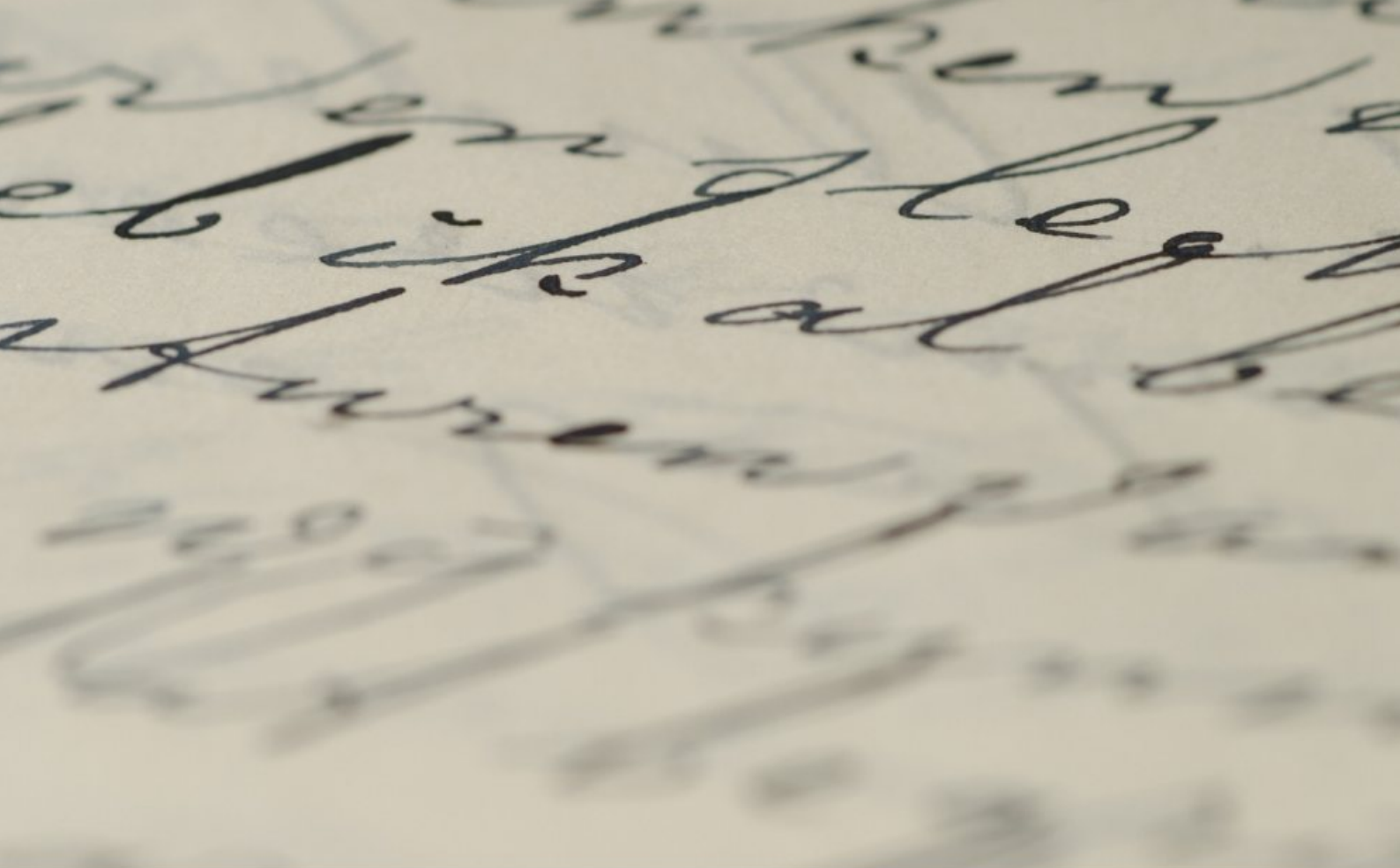
Tantas palavras para ti escritas,
A expressar sentimentos que são meus;
Serão iguais aos pensamentos teus,
Ou meras letras, nem sempre bonitas?

Mas jamais cederei, vê, não desistas!
Meu propósito firme seguirei,
Vitória e dor na lida encontrarei,
Mas amarei com forças inusitadas.

Tendes razões para me esnobar,
Pois noutro tempo, vil, te abandonei,
Fui péssimo par, sem nada a mostrar.

Mas recuo em tempo, presente enfim,
Deixa-me agora, amor, que tardei,
Ser uma amante diferente em mim.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

"AMIZADE" E CONVIVÊNCIA

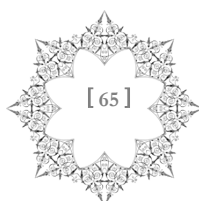
POR SELLMA LUANNY

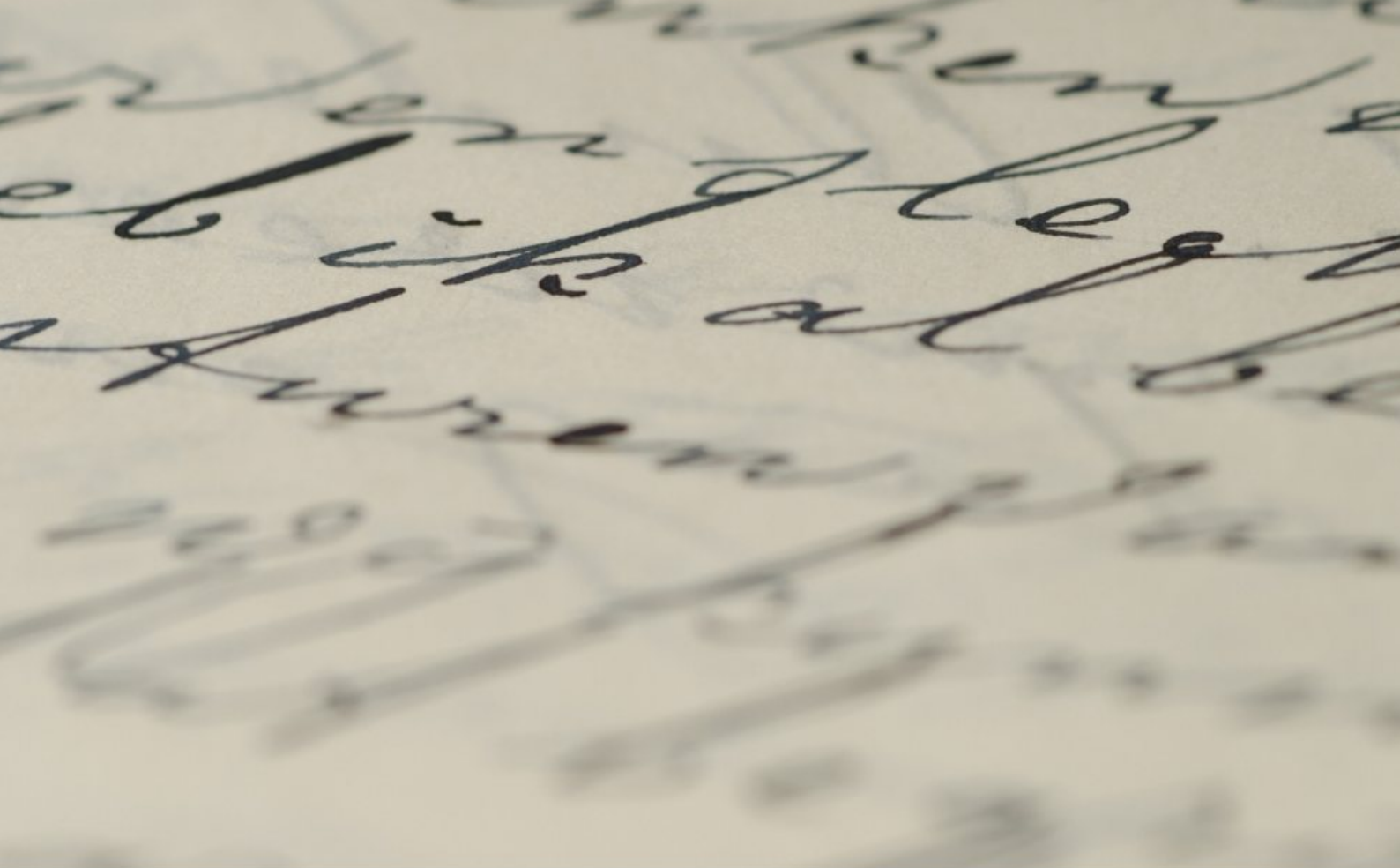
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Disseram-me que não teria amigos
se das "atividades" não participasse...
se "simpática e agradável" não fosse...
se não "frequentasse e convidasse".

Sorrir mais, brincar mais... deveria.
Conversar com "doçura" e atenção...
Não dizer "não", mas sim, sim, sim...
Amigos entre vizinhos... e os demais.

Mas, esqueceram-se de que amizade
não se força... e carisma é recíproco...
E o tempo não se curva... nem encurta...
ante corações que se conectam... ou não.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

AMADOS AUSENTES

POR SELLMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Há tanto, a não nos permitir
o físico contato de abraços
e beijos... e convivência...

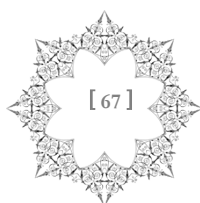
Na distância - culpa minha,
admito -, eu há tanto,
afastei-me de vocês! E sinto...

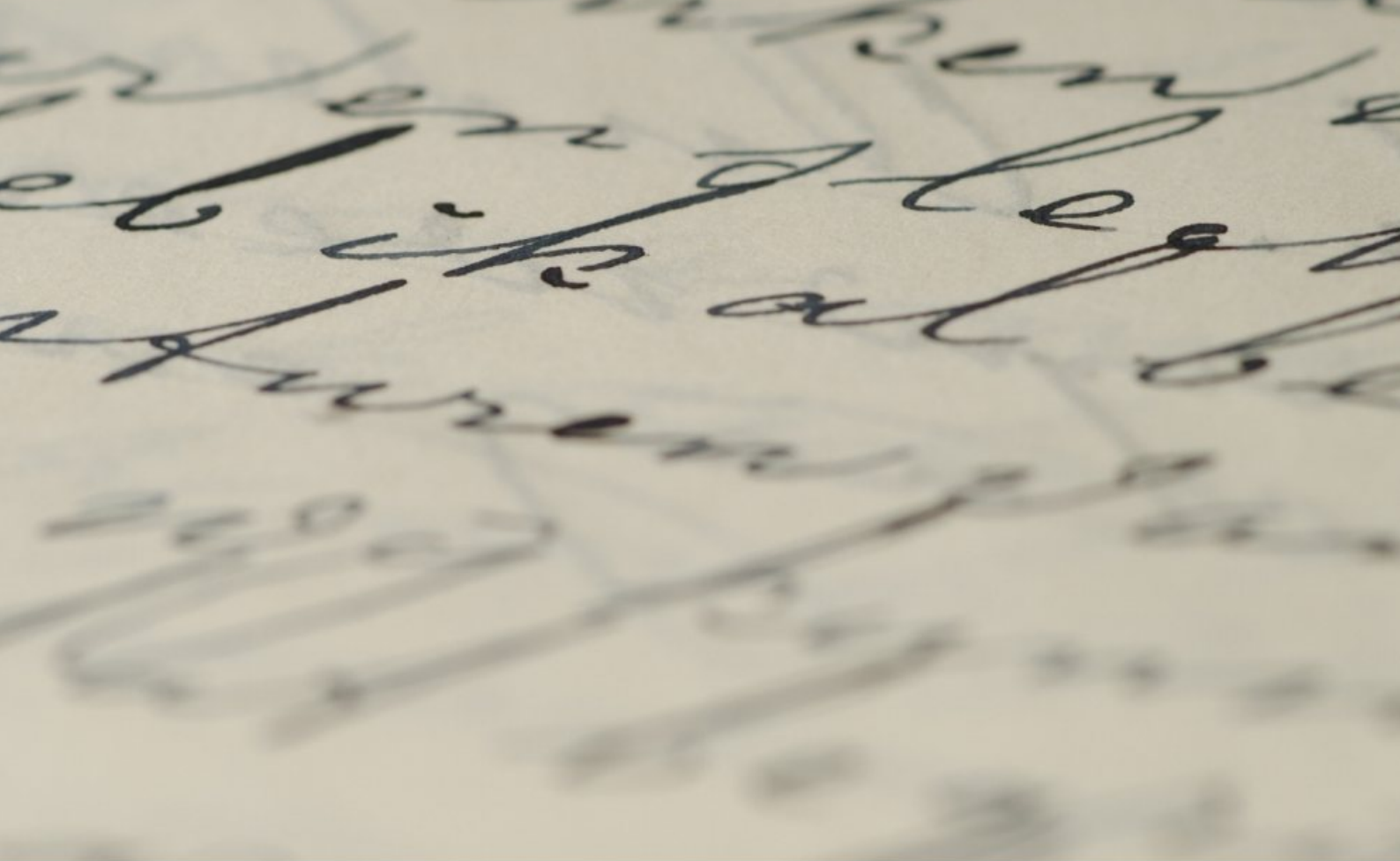
Lá se vão anos... e décadas.
E a idade, a outros motivos
aliada... a me impedir.

Conforto de diálogos virtuais
nunca o mesmo... não
desvanece... a saudade.

Que não se elimina, mas persiste...
e rançosas teias na alma...
vão-se acumulando.

Para se proteger... no coração
e na mente, "vívidos" momentos,
no correr da vida... fantasiando.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O DIA EM QUE O SONHO VENCEU O FIM

POR SÉRGIO LOUREDO DOS REIS

Nascido em Brasília, 1979, formando em história, embora não atuante profissionalmente. Empregado público dos Correios e adorador de filmes, contos, teatro, cinema e uma boa cerveja. Adora escrever contos e crônicas e trocar ideias sobre.

Há muito tempo, aqueles olhos grandes não apareciam tão vividamente em minha memória. Eu pensava que já a havia esquecido, mas, de repente, o seu rosto inteiro brilhava na minha imaginação, avivando rapidamente a sua presença.

Apesar da surpresa pelo impulso inesperado e pela lembrança sem aviso, não posso negar que é algo totalmente compreensível. Nossa história terminou de forma abrupta, um livro maravilhoso abandonado antes do final, do último capítulo.

Tento rememorar o motivo de termos seguido caminhos diferentes, mas, sinceramente, não consigo. Talvez tenha sido uma questão sobre se teríamos filhos ou não. Creio que esse foi o ponto crucial, mas nem tenho tanta certeza. De qualquer forma, provavelmente foi uma discussão que não faria sentido hoje em dia, pois o meu desejo de ser pai não se realizou e, sinceramente, não me fez falta. A idade nos faz ressignificar praticamente tudo, minimizar atos e fatos sobre os quais antes seríamos intolerantes. A maioria torna-se pura bobagem.

É a velha história do triunfo da experiência sobre a juventude.

Minha vida encontrou novos enredos e novas aventuras, de forma que as experiências foram me curando e a afastando.

Apesar do longo tempo sem nos vermos, os detalhes e as sensações fizeram-se presentes, e comecei a me lembrar de vários momentos satisfatórios que tivemos, do grande amor que lhe dediquei e que ela tanto me devotou.

Percebi imediatamente que éramos felizes e que deveríamos ter aproveitado aquela paixão, evitando brigas idiotas, muitas vezes por coisas sem qualquer relevância.

Isso me diz muito sobre o sentido da existência e a importância exagerada que damos aos desencontros.

Por coincidência ou não, em certa noite, adormeci e sonhei com ela. O sono, inicialmente leve, foi se aprofundando, de forma que era como se eu não existisse mais,

como se pertencesse ao mundo das sombras e me afastasse da iluminação e da correria do dia a dia. Aquele estado, no entanto, foi sendo substituído aos poucos pela imagem dela, que foi se compondo passo a passo, em um clarão que se abria, no qual eu a via convidando-me para que me aproximasse.

Ela abria os braços, chamava-me pelo nome, pelos nossos apelidos e eu ia me integrando àquele cenário, no mundo particular que se desenhava. Logo estávamos juntos novamente, mas, tal qual os sonhos são, as cenas do nosso novo convívio não eram lineares e se sucediam em pequenas esquetes e em curtas-metragens.

Apesar da abstração, tudo era muito sensorial. Os cheiros, os sons e os toques pareciam reais e as situações misturavam-se em revisitações e ineditismos. Eu novamente sentia o corpo dela junto ao meu, em lugares que nunca fomos. Beijávamo-nos em Pequim, conversávamos em Ouro Preto e tomávamos um café em Paris. Tudo em cenas completas, mas simultaneamente rápidas, como se estivessem sendo adiantadas pelo controle remoto de um videocassete.

Os gestos de amor, os pequenos e significativos, giravam na nossa ciranda e eu torcia para que tudo aquilo não findasse. Queria continuá-la orbitando, tal qual um satélite.

No próximo flash do sonho, transportamo-nos para o apartamento dela e estávamos de volta ao bunker da paixão, porto seguro onde vivemos uma doce convivência.

De repente, ela deitou na sua cama e olhou fixamente para mim, oferecendo sua alma e o seu corpo que eu tanto conhecia, no qual tanto havia navegado e do qual sabia cada detalhe. Passei a alimentar-me dele, aproveitando cada pedaço, bem devagar, sabendo a atual raridade da ocasião, até explodirmos naquele vai e vem, naquele reencontro de vontades e de intensa conexão.

Em êxtase, tentava mantê-la o mais perto possível, abraçando-a, beijando-a e dando muita atenção e carinho, pois receava que terminasse e tornei-me angustiado. A efemeridade daquele recorte começava a revelar-se. Quanto mais eu ficava pensando no fim, mais a imagem dela ficava distante e eu sentia o despertar.

Passei a ouvir os sons do mundo exterior, querendo me puxar para a loucura da rotina, enquanto eu apertava forte os olhos, lutando contra o fim, buscando retomar a sonolência que começava a esvair-se. O apartamento começou a se desfazer, a desaparecer. As paredes caíram, os móveis sumiram, os copos quebraram e tudo ia desmoronando. Eu desviava e corria, não para me salvar dos desabamentos, mas para continuar aquele estado transcendente de felicidade. Não queria perdê-la novamente. Não desta vez.

Em meio ao caos, diante de toda a confusão, ela reapareceu na minha frente, na plenitude dos cabelos negros, dos olhos vivos, da boca vermelha e com um sorriso singelo, em alta resolução, estendendo a mão, num pedido muito convicto e misterioso para que eu ficasse. Mesmo sem entender a lógica da ação, senti que não havia nenhuma possibilidade de recusa e, sem hesitação, demonstrando que era tudo o que queria, coloquei minha mão sobre a dela, mergulhando no desconhecido.

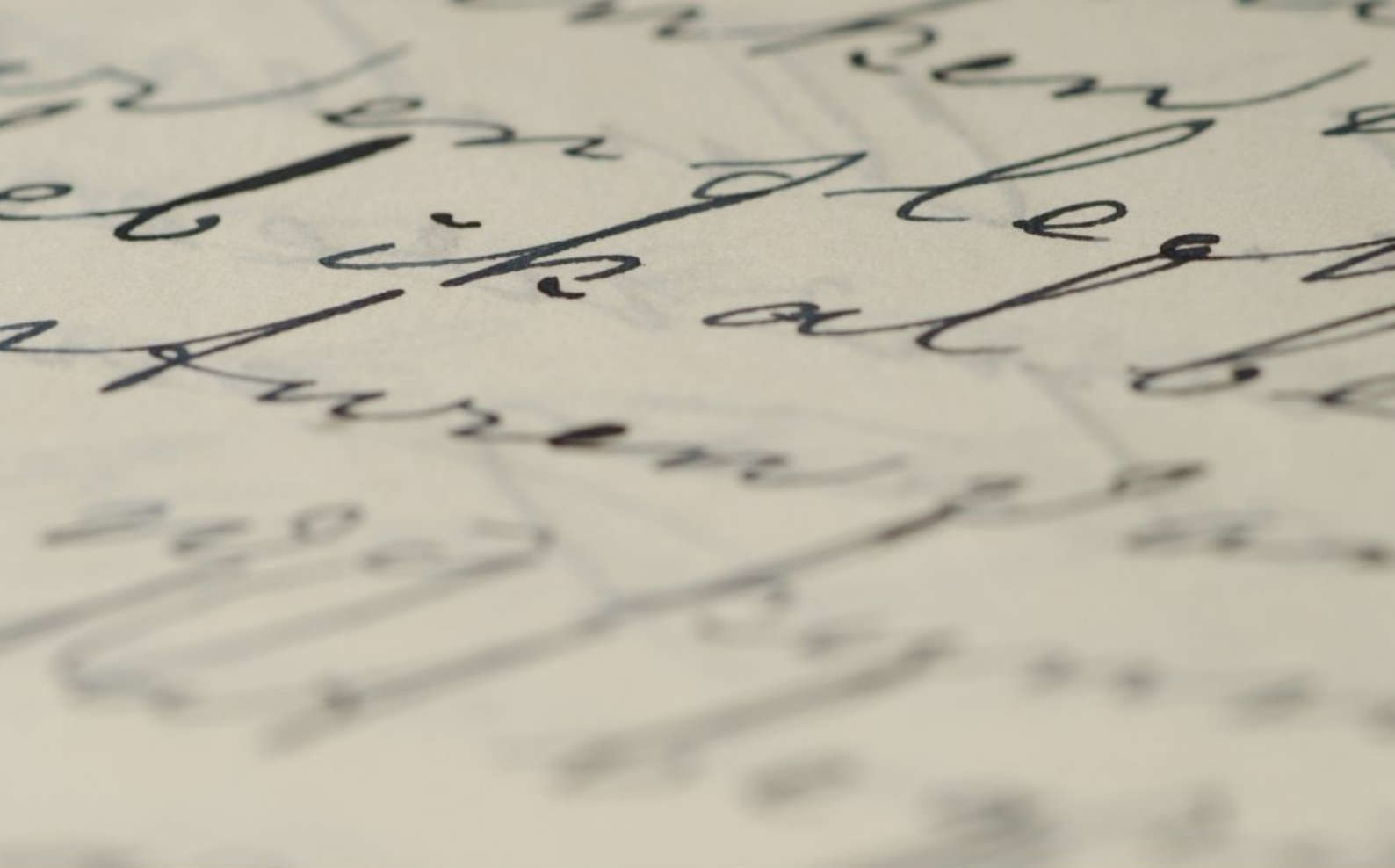
Algo mágico, então, aconteceu. Assim que nossas mãos se encontraram, as paredes começaram a subir novamente, os móveis voltaram ao seu local, as taças uniram-se, caco por caco, e o nosso mundo estava presente, firme: símbolo supremo do nosso amor.

A experiência deixou de ser a realidade paralela: nunca mais vi a outra. Passei a ter uma vida única, ímpar e jamais nos afastamos novamente.

Não procurei entender.

Fui feliz para sempre.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

ELE...

POR SUELEN FERREIRA LIMA

Suelen é uma escritora iniciante que encontra nas palavras um caminho para dar forma aos sonhos e aquietar sentimentos profundos. Casada e mãe de três crianças, vive entre a simplicidade, correria do cotidiano e a doçura das pequenas memórias, tecendo sua arte entre risos, afetos e a beleza dos dias comuns.

Ele chegou
Em meio ao caos que estava meu mundo
Ele não se importou
Estava perdida em um abismo profundo
Ele me encontrou
Ele me olhou
Viu além dos meus medos e dores
Ele se aproximou
Transformando minha escuridão em cores
Ele me iluminou
Ele ficou
Mesmo com meus defeitos
Ele me abraçou
Dizendo que ninguém é perfeito
Ele me amou
Ele se aproximou
Trazendo-me luz
Ele me mostrou
O caminho que conduz
Ele me transformou...
Ele é minha força, meu amigo, meu mundo
Ele é meu amigo, minha vida, meu tudo
Ele é meu lugar para onde eu posso retornar
Ele é meu lar



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

FIQUE POR DENTRO DO MUNDO DOS LIVROS!



**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI